

---

## O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016

sua cara, seus sócios e seus negócios

Arlei Sander Damo e Ruben George Oliven

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/117>  
ISSN: 1806-9983

**Editora**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Edição impressa**

Data de publicação: 18 setembro 2013  
Paginação: 19-63  
ISSN: 0104-7183

**Referência eletrónica**

Arlei Sander Damo e Ruben George Oliven, « O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016 », *Horizontes Antropológicos* [Online], 40 | 2013, posto online no dia 28 outubro 2013, consultado o 15 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/117>

---

© PPGAS

---

# O BRASIL NO HORIZONTE DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS DE 2014 E 2016: SUA CARA, SEUS SÓCIOS E SEUS NEGÓCIOS

*Arlei Sander Damo*

*Ruben George Oliven*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

**Resumo:** *Este artigo tem como objeto os significados da realização, no Brasil, da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Dada a extensão desses megaeventos, seus significados são diversificados e controversos. Como não é possível dar conta de todas as possibilidades analíticas que eles nos oferecem, focamos nosso olhar em dois aspectos principais. Um deles trata das representações de brasilidade atualizadas por ocasião dos cerimoniais oficiais, e o fato tomado como referência é o anúncio do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016. O outro aspecto é mais difuso e fragmentado, atinente às controvérsias em torno dos usos de recursos públicos empenhados pelo Estado na organização da Copa de 2014. Nesse caso nos valem de fontes diversas, incluindo-se narrativas oficiais, relatórios de gastos, postagens jornalísticas, entre outras. Nosso objetivo não é promover uma síntese acerca do significado dos megaeventos para os brasileiros, mas mostrar como o país vive um momento singular, de enunciação, justificação e tensionamento da própria identidade nacional e do Estado.*

**Palavras-chave:** *antropologia, Brasil, Copa do Mundo, Olimpíadas.*

**Abstract:** *This article analyzes the meanings for Brazil of hosting the World Soccer Cup of 2014 and the Olympic Games of 2016. Considering the dimensions of these two mega events, their meanings are diverse and controversial. Since it is not possible to come to terms with all the analytic possibilities they offer us, we have chosen to focus our gaze on two main aspects. One of them deals with the representations of “Brazilianess” which are updated brought up in official ceremonies and the announcement of Rio de Janeiro as the seat of the Olympic Games is taken as a reference of this process. The other aspect is more diffuse and fragmented and has to do with the controversies involving the use of public resources by the State for the organization of the World Cup of 2014. In this case we used different sources of information,*

*including, among others, official narratives, accounts of expenses, and internet media postings. Our objective is not to provide a synthesis of the meanings of mega events for Brazilians but to show how the country experiences a singular moment of enunciation, justification and tension of its national identity and of the State.*

**Keywords:** *anthropology, Brazil, Olympic games, World Soccer Cup.*

Sediar uma copa do mundo de futebol é muito diferente de participar dela.<sup>1</sup> A constatação, um tanto óbvia, precisa ser tratada com atenção pois a diferença pressupõe modalidades distintas de engajamento do Estado-nação, com implicações econômicas, políticas e culturais muito diferentes. Em linhas gerais pode-se dizer que a participação na copa implica a mobilização da nação, enquanto comunidade de sentimento que se projeta no time que a representa, ao passo que a realização do evento compromete o Estado, parceiro da FIFA na organização da competição.

A participação do Brasil ou de qualquer outra representação nacional em competições esportivas é, de fato, uma participação delegada, que se realiza por um time organizado por uma entidade esportiva que, a rigor, não possui qualquer relação com o Estado, embora este disponha de legislação visando balizar a atuação dessas agências.<sup>2</sup> A transformação do time da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em “seleção brasileira”, ou simplesmente em “Brasil”, envolve um processo de investimento simbólico realizado ao longo de algumas décadas e cuja atualização ocorre, de forma mais intensa, nos períodos que antecedem às copas ou competições equivalentes. A cada quatro anos, uma nova leva de brasileiros aprende que o time da CBF é o Brasil e é instigada a torcer por ele. A força do time da CBF – apresentado, acreditado e vivido – como a seleção brasileira deriva do fato de que os brasileiros – se

---

<sup>1</sup> Por economia de linguagem, sempre que utilizarmos o termo “copa”, sem qualquer complemento, estaremos nos referindo à Copa do Mundo de Futebol Masculino, cuja organizadora é a FIFA, afinal há outras copas do mundo, tais como as de rúgbi, atletismo, ginástica artística, entre tantas. Para o caso de uma edição desse evento em particular acrescentaremos o ano de realização ou o país-sede.

<sup>2</sup> Não custa lembrar que as agências esportivas possuem uma justiça própria, que restringe, deliberadamente, o trânsito de seus conflitos pela esfera da justiça estatal. Trata-se de uma forma de arbitragem legal, mas reveladora do quanto esse sistema é autônomo, embora seu *modus operandi* seja um clone do Estado moderno.

não todos, a grande maioria deles – são envolvidos emocionalmente com ele. O Brasil não é o único país no qual um time de futebol foi alçado a símbolo da nação, mas o fato de que não tenhamos um histórico belicoso, de onde a nação pinça boa parte de seus heróis e narrativas épicas, faz do time da CBF uma unanimidade ou quase.<sup>3</sup>

Se procede a constatação de que um jogo de futebol é uma forma de experimentar a guerra por outras vias, as copas tornam a analogia ainda mais convincente na medida em que se trata de uma competição entre equipes que representam Estados-nações. Nessa guerra mimética, o Brasil participa assiduamente, e de forma exitosa. Isso não tem repercussões econômicas e políticas expressivas, exceto em alguns setores pontuais, mas cumpre uma função simbólica importante, de propiciar à nação a experiência da integração e da unidade, ainda que temporárias, pois quando a copa termina tudo volta ao seu lugar. Se jogar a copa é participar de uma guerra mimética, tanto mais dramática deve ser a organização desse evento extraordinário. Entretanto, há aqui duas diferenças essenciais. A primeira é que na organização da copa quem representa a nação não é o time da CBF, mas o Estado, seus agentes e suas agências, sejam elas federais, estaduais ou municipais. A segunda é que a organização da copa demanda o aporte de recursos econômicos e políticos de grande monta, algo que não ocorre quando se joga a copa.

Somos *experts* em ganhar as copas, mas com a organização delas temos escassa familiaridade. Já o fizemos em 1950, mas se tratava de outro Brasil e de outro futebol. O estádio Maracanã, em que pese ter se tornado o maior do mundo para a época, foi o único a ser edificado para aquela copa, enquanto agora são 12 – somando-se edificações e reformas. As controvérsias em relação à utilização de recursos públicos circunscreveram-se, basicamente, ao

---

<sup>3</sup> O dilema em torno dessa representação nunca foi tão pronunciado como na Copa de 1970, quando os militares utilizaram o time da CBD (antiga CBF) na propaganda da ditadura e os exilados políticos tiveram que optar entre torcer contra a seleção, pois seu fracasso poderia enfraquecer a repressão, ou a favor, e ver o governo se locupletar com a conquista do tricampeonato, como de fato ocorreu. A alternativa, segundo relatos de exilados, foi pensar que o time que vestia verde e amarelo representava o povo brasileiro e não os militares. Por razões que não é possível aprofundar aqui, o time de futebol que representa o Brasil concilia satisfatoriamente as expectativas da nação, o que não o impede de ser criticado nas derrotas. Em países onde os regionalismos são mais pronunciados, como na Espanha, a seleção nacional não logra o mesmo prestígio que possui no Brasil. O caso da França é emblemático: o líder da extrema-direita, Jean-Marie Le Pen, declarou que a equipe campeã do mundo em 1998 não representava a França, dada a ostensiva presença de negros e descendentes de magrebins no time.

Rio de Janeiro, capital federal de então, enquanto as demais sedes passaram por pequenos ajustes nas instalações já disponíveis – um alambrado aqui, um vestiário ali, uma cabine de imprensa acolá – e elas parecem ter sido suficientes para atender às exigências da FIFA e daquela copa.<sup>4</sup> Não havia televisão, turistas, patrocinadores, *marketing* e outros agentes que agora são indissociáveis da copa. Tampouco uma mídia tão diversificada, com redes sociais em plena efervescência, e movimentos sociais capazes de mobilizar suas redes para contestar a visão da FIFA e suas parcerias.

Entre as inúmeras possibilidades de abordagens que a realização dos megaeventos no Brasil oferecem, elegemos dois aspectos para serem aprofundados: as representações da nação e as tensões em torno dos usos do dinheiro público. No primeiro caso, elegemos as cerimônias de anúncio do Brasil como sede da Copa de 2014 e da cidade do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016 como ponto de partida para registrar e interpretar as atualizações do ideário nacional. Sobretudo no caso das Olimpíadas, e por razões que haveremos de informar, criou-se um ambiente propício para a veiculação, de modo performático, de certas representações sobre o povo brasileiro e que espaço que ele reivindica no mapa da geopolítica internacional. No segundo caso, tomaremos como referência alguns eventos, dados e discursos sobre os usos de recursos públicos na organização da copa para mostrar as tensões entre diferentes pontos de vista. A esse respeito, pretendemos evitar as posições extremas, sejam as que fazem apologia aos aportes, tratando-os como investimentos, sejam aquelas que os condenam, referindo-os como gastos. Os dois pontos de vista têm argumentos e deveremos enunciá-los, ainda que de modo sintético. Todavia, o que buscamos, fundamentalmente, é reformular a questão, mostrando a complexidade do tema e o fato de que o que está em jogo, nesse debate, não são questões de economia monetária – o dinheiro que vai para a copa não salvaria a saúde e a educação –, mas de economia moral: é justo que o Estado seja parceiro de uma entidade privada, como a FIFA, que faz exigências e não oferece contrapartidas palpáveis? É correto que o

---

<sup>4</sup> Sobre a organização da Copa de 1950 são tão escassos os trabalhos acadêmicos quanto a literatura jornalística. A dissertação transformada em livro de Moura (1998) é uma exceção, ainda que ela trate quase que exclusivamente sobre a construção do Maracanã. Já sobre a derrota para os uruguaios a bibliografia é extensa, incluindo-se as teses de Fraga (2009) e Freitas Jr. (2009). A consulta a estas teses fornecerá um extenso repertório de outras narrativas acerca daquela derrota que foi batizada de “tragédia”.

dinheiro público seja investido em instalações (arenas) que se destinam a um público de alto poder aquisitivo? Dado que alguns desses investimentos são notoriamente controversos, a quem eles interessam efetivamente?

### Os ritos de instituição – a celebração de uma conquista<sup>5</sup>

A escolha do Brasil como sede da Copa de 2014 foi o resultado da concertação dos interesses da FIFA e do governo brasileiro. Do ponto de vista da FIFA e de sua estratégia de globalização do mercado futebolístico, a Copa de 2014 deveria ser realizada no continente americano, preferencialmente no sul, uma vez que havia 36 anos desde a última edição, na Argentina em 1978.<sup>6</sup> Dadas as exigências da FIFA em termos de infraestrutura, o Brasil seria o país cuja economia teria condições de suportar, sem maiores sobressaltos, os investimentos demandados, além de ser um país no qual o futebol é o esporte hegemônico, sem contar o seu potencial turístico e sua reputação de hospitalidade.

A oportunidade estava dada e teriam sido necessários bons motivos para desdenhá-la. Como a copa é um evento que se realiza em várias cidades – e dada a estrutura do Estado brasileiro, em várias de suas unidades federativas – a decisão de não realizá-la caberia à entidade mais englobante, nesse caso o governo federal e, particularmente, à presidência da República. O assédio teria se dado, muito provavelmente, independente de quem fosse o presidente e de qual grupo político estivesse no poder. Mais que isso: a recusa ao desafio da FIFA seria improvável, dado que ela disseminou a ideia de que a copa é uma oportunidade (e não um fardo), razão pela qual só quem não acredita em sua própria capacidade seria capaz de recusá-la.

Se a oportunidade tivesse surgido ao Brasil em outras épocas – final da ditadura, período de hiperinflação, por exemplo – provavelmente haveria ocorrido um levante da sociedade civil organizada e mesmo de alguns partidos políticos contra a ideia. Todavia, quem estava no poder no período em que as conversações de bastidores selaram a parceria FIFA-Estado brasileiro era um

---

<sup>5</sup> Partes dos argumentos desta seção foram utilizados em texto publicado para um público estrangeiro (Damo; Oliven, 2012).

<sup>6</sup> Desde então a copa foi realizada quatro vezes na Europa (1982, 1990, 1998 e 2006), 2 na América do Norte (1986 e 1994), uma na Ásia (2002) e outra na África (2010).

grupo liderado pelo Partido dos Trabalhadores, de onde provinham muitas críticas em torno do aporte de recursos públicos em rubricas dessa natureza. Com o PT no poder, neutralizava-se boa parte das críticas à participação do Estado na organização de megaeventos esportivos, pois elas tinham origem, quase sempre, em círculos políticos e intelectuais identificados com os partidos à esquerda. O próprio Lula, um apaixonado torcedor do Corinthians, foi alvo do assédio do então presidente da CBF Ricardo Teixeira, e até onde se sabe não ofereceu resistência, mas apoio.<sup>7</sup>

Dada a conjunção de fatores e sem que houvesse propriamente uma disputa, o Brasil acabou sendo o país escolhido, em boa medida por falta de outras opções. Isso veio à tona com certa antecedência, de forma que não houve expectativa em relação ao anúncio oficial, que ocorreu em Zurique, em fins de outubro de 2007. Nem por isso as autoridades brasileiras deixaram de viajar à Suíça para acompanhar o anúncio. A delegação incluía dirigentes de futebol, ex-jogadores, uma dezena de governadores, o então presidente Lula e até o escritor Paulo Coelho. Os grandes jornais impressos deram destaque de capa ao evento e diversas emissoras de televisão abriram espaço na programação ordinária para transmitir o cerimonial em tempo real, mas não havia multidão aguardando o anúncio, nem houve sobressalto com a decisão, muito menos emoção. De qualquer forma, o ritual instituiu o Brasil, pela segunda vez na história, como o país-sede do principal evento esportivo planetário, e isso foi tratado como um motivo de júbilo e de preocupação nacional.

No momento mais aguardado do cerimonial, aquele no qual o chefe autorizado faz o anúncio derradeiro, Joseph Blatter, o poderoso presidente da FIFA, tomou a palavra. Depois de um breve preâmbulo, exaltando o Brasil pela sua contribuição ao futebol, proferiu as palavras tão aguardadas. Com um envelope lacrado em mãos, algo absolutamente teatral àquela altura, pronunciou-se de dedo em riste: “O Comitê Executivo da FIFA decidiu dar a responsabilidade, não só o direito, mas a responsabilidade de organizar a Copa

---

<sup>7</sup> Há quem sugira que tal aproximação se deu já em 2004, ocasião em que o Brasil chefiava uma missão de paz da ONU no Haiti e Ricardo Teixeira ofereceu-se para organizar uma partida amistosa entre a seleção haitiana e a brasileira. A presença dos pop stars brasileiros desfilando em um tanque pelas ruas de Porto Príncipe levou a população local ao êxtase e as imagens circularam pelo mundo, como uma bem orquestrada estratégia da diplomacia brasileira. Para uma interpretação mais detalhada a respeito das negociações de bastidores que tornaram o Brasil sede da Copa de 2014 conferir Damo (2012).

Mundial da FIFA de Futebol 2014 ao país:” – e depois de breve suspense, retirando a papeleta do envelope – “Brasil”.<sup>8</sup>

Consumava-se, então, a esperada consagração, muito embora as palavras de Blatter apontassem noutra direção. À diferença do que repercutiram os locutores brasileiros, dando conta de que o Brasil acabara de se “tornar sede” da Copa de 2014, o presidente da FIFA disse, claramente, algo bem diverso e, a nosso ver, revelador: Blatter foi explícito ao dizer que “a FIFA decidiu”, e que decidiu “dar a responsabilidade”, insistindo que não era “só o direito, mas a responsabilidade” de “organizar” a “Copa Mundial da FIFA” – note-se, no detalhe, que a copa é “da FIFA”. O fato de ter dito isso com o indicador em riste, apontado na direção da plateia, onde estava o presidente Lula, dispensa comentários.

Dadas as circunstâncias que levaram a FIFA a optar pelo Brasil e ao anticlímax do cerimonial, pode-se dizer que o país não foi escolhido, mas desafiado publicamente a organizar a copa. A forma áspera com que Blatter tratou a comitiva brasileira naquela ocasião haveria de se repetir quatro anos e meio depois – em março de 2012 –, quando o principal executivo da FIFA, Jérôme Valcke disse em entrevista que o Brasil precisava receber “un coup de pied au cul”, em bom português “um pontapé na bunda”. O episódio gerou uma pequena crise diplomática, com o ministro dos Esportes exigindo a retratação da FIFA. Ao fim e ao cabo, Valcke deu a entender que a expressão significava algo como “mãos à obra”, quando muito um “alerta” de que muitas obras estavam atrasadas. Em todo o caso, é importante notar que não é usual agências privadas pautarem Estados-nações de forma tão direta, ao menos publicamente. E no caso da FIFA não fora a primeira vez.

Por razões diversas, algumas das quais vamos no ocupar na sequência, o anúncio do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016 teve uma conotação radicalmente distinta do veredicto sobre a Copa de 2014, tendo a ocasião se prestado para manifestações eloquentes acerca da economia, da cultura, da política e da identidade nacional. Como os anúncios ocorreram num intervalo de apenas dois anos, convém prestar atenção nos detalhes que tornaram tão distintos dois eventos tão próximos.

---

<sup>8</sup> Cf. vídeo disponível no YouTube (<http://www.youtube.com/watch?v=IFxgh1vOv4E>).



A cidade do Rio de Janeiro<sup>9</sup> tentara, sem sucesso, sediar as Olimpíadas de 2004 e de 2012. A candidatura de 2016 seria a terceira tentativa do Rio e a quarta brasileira – a atual capital federal, Brasília, chegou a esboçar um pleito para a sede dos jogos de 2000, mas retirou-se do processo antes mesmo de ele ser apreciado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Fracassadas as tentativas anteriores por falta de consistência e credibilidade, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) decidiu investir pesado na realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007. Em que pesem as críticas aos excessivos gastos públicos com tal evento – que teriam consumido um valor 800% superior ao que fora inicialmente projetado – e os escassos legados à população local, o mesmo foi considerado um sucesso em termos esportivo.<sup>10</sup> Como o COI não é parceiro dos gastos e seus membros parecem pouco interessados nessa questão, o Pan foi apontado como um trunfo estratégico na nova candidatura.

Em setembro de 2007 a cidade do Rio inscreveu-se junto ao COI, depois de passar por um processo interno de disputa, em que venceu facilmente a postulação contra São Paulo. Junto com Chicago, Tóquio e Madri o projeto do Rio foi classificado para a etapa final,<sup>11</sup> cujo resultado seria conhecido em 2 de outubro de 2009. Antes disso, porém, cada cidade teria de responder um minucioso questionário que serviria de subsídio ao comitê executivo do COI, que de posse do relatório visitaria as cidades candidatas. A entrega do respectivo questionário ocorreu em fevereiro de 2009, na cidade de Lausanne, sede do COI. O dossiê da candidatura do Rio foi o único a ser entregue pessoalmente, por uma comitiva que incluiu o presidente do COB, o governador do estado e o prefeito da cidade. Tóquio enviou dois representantes, e Chicago encaminhou

---

<sup>9</sup> A cidade de Rio de Janeiro é a capital do estado de mesmo nome. Entre 1763 e 1960 a cidade foi a capital do Brasil. Atualmente é a segunda maior cidade brasileira, com cerca de 6,3 milhões de habitantes. De frente para o Oceano Atlântico e dotada de belos cumes e farta mata atlântica, a cidade é tida como uma das mais belas do planeta, sendo muito frequentada por turistas, sobretudo no período do carnaval, cujo espetáculo é internacionalmente conhecido.

<sup>10</sup> Para uma discussão acerca da distância entre o que foi prometido e efetivamente entregue por ocasião do Pan-Americano de 2007 consultar a coletânea organizada por Mascarenhas, Bienenstein e Sánchez (2011). Acerca do mesmo evento há outros trabalhos em perspectiva crítica que merecem crédito, entre os quais Gaffney (2010) e Comitê Popular Rio da Copa e das Olimpíadas (2012).

<sup>11</sup> O processo de escolha é realizado, basicamente, em duas etapas. Na primeira delas, qualquer cidade pode se inscrever, sendo denominada de cidade pretendente (*applicant city*). Um comitê executivo seleciona um número limitado de projetos, em torno de quatro ou cinco, e as respectivas cidades passam a se denominar cidades candidatas (*candidate cities*). Para mais detalhes, conferir <http://www.olympic.org/host-city-election>.

o dossiê pelo correio. Olhando em retrospectiva, a estratégia brasileira parece ter sido acertada, tendo sensibilizado o COI de que havia, de fato, uma intensa mobilização pelo Rio. De mais a mais, traduz a importância que no Brasil se atribui às relações e aos contratos pessoais mesmo que no âmbito institucional.

A preparação da candidatura demandou trabalho árduo, em várias frentes, e os gastos foram igualmente vultosos – pouco mais de US\$ 64 milhões, um valor 36% acima do previsto originalmente, sendo que aproximadamente 63% vieram dos cofres públicos, a maior parte do governo federal (Rangel, 2009). Profissionais reputados no mercado, como Scott Givens, ex-vice-presidente de entretenimento da Disney e responsável pelas festas de abertura do Pan-Americano de 2007 e de das Olimpíadas de Sydney de 2000, foram contratados para organizar cada detalhe da candidatura, incluindo-se os discursos de apresentação. No plano político a mobilização envolveu até os embaixadores brasileiros. Enquanto o dossiê era entregue ao COI, em fevereiro de 2009, um documento com o nome e a foto dos 115 membros do respectivo comitê foi distribuído às embaixadas, com a recomendação expressa de que tais autoridades fossem incluídas nas recepções. Embora o COI proíba o *lobby* ostensivo, o documento sugeria que os embaixadores lembrassem sempre que possível que o Rio de Janeiro era candidato. Dada a localização das demais candidaturas, os brasileiros acreditavam que teriam muitos votos entre os representantes de países sul-americanos e africanos, razão pela qual o documento sugeria que o corpo a corpo com membros desses países fosse ainda mais intenso. O fato de a América Latina e a África nunca terem sediado uma Olimpíada era um dado que não deveria ser esquecido nas arguições.<sup>12</sup>

Como o prefeito da cidade e o governador do estado eram do mesmo partido, diferentemente do que acontecera noutras ocasiões, dessa vez havia sintonia nas estratégias e convergência de esforços. Em todo o caso, a cereja do bolo seria mesmo o presidente Lula, aliado do governador, embora de partidos distintos.<sup>13</sup> Além do envolvimento pessoal com o esporte, em especial

---

<sup>12</sup> Além de ressaltar as virtudes do Brasil e do Rio, os embaixadores também teriam sido orientados a apontar contra-argumentos em relação às demais finalistas – Madri, Chicago e Tóquio. O Itamaraty previa que a final seria contra Chicago, mas acabou sendo contra Madri (Lajolo, 2009).

<sup>13</sup> É digno de nota o fato de Eduardo Paes, eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2008 e reeleito em 2012 (com o apoio do PT, partido de Lula), ter sido um dos principais líderes da CPI dos Correios (2005), cujas denúncias desgastaram profundamente o governo Lula, a ponto de muitos analistas políticos e líderes da oposição considerarem Lula e o PT inviabilizados para a disputa presidencial de 2006. À época da CPI Eduardo Paes era deputado federal pelo PSDB, tendo vindo do PFL e migrado para o PMDB em 2007.

o futebol, Lula tinha interesses eleitorais nada desprezíveis. Sem seu apoio a candidatura do Rio perderia força, e com ela o governador Sérgio Cabral, candidato a reeleição em 2010. Com a vitória da cidade do Rio a candidatura do governador sairia fortalecida e, nesse caso, seu apoio à Dilma Rousseff, como indicada por Lula à sucessão em 2010, seria fundamental.<sup>14</sup>

No dia 2 de outubro de 2009 os brasileiros despertaram com a expectativa da decisão do COI. As emissoras de TV abriram espaço na programação de rotina, incluindo-se a Rede Globo, a líder em audiência. A prefeitura do Rio decretou ponto facultativo, na expectativa de inflar a multidão que assistiria o anúncio na praia de Copacabana, em enormes telões. Para atrair público incluíram-se na programação *shows* musicais, a presença de esportistas e até uma escola de samba tradicional – os jornais dão conta de que 50 mil pessoas participaram desse evento. Em Copenhague estavam dirigentes esportivos, políticos – Lula incluso –, jornalistas, esportistas – Pelé entre eles – e até o escritor Paulo Coelho, que organizou um almoço com distribuição de seus livros – publicados em 66 idiomas – para aproximadamente 70 esposas de eleitores do COI. Diferentemente do que ocorrera dois anos antes, quando do anúncio de que o Brasil seria sede da Copa de 2014, desta vez a concorrência era forte. O Rio de Janeiro havia recebido as piores notas entre as quatro classificadas para a fase final, o que tornava sua escolha incerta em que pese o *lobby* do Itamaraty, o otimismo da mídia e os investimentos públicos na organização da candidatura.

Como sugere o protocolo, a definição da cidade-sede é precedida por uma última apresentação das candidaturas aos membros do COI. Cada cidade dispõe de um tempo, que ocupa como lhe convier, mas a apresentação é feita separadamente, sem a presença das concorrentes. Em que pese o trabalho de bastidores realizado com antecedência, cada detalhe da apresentação é valorizado, pois a escolha dificilmente ocorre no primeiro turno e cada detalhe pode vir a ser decisivo nas votações subseqüentes – na escolha anterior, Londres

---

<sup>14</sup> Espécie de cristã-nova no PT, Dilma, que jamais havia concorrido a uma eleição, foi escolhida por Lula à revelia do partido, que depois a incorporou. O Rio de Janeiro é o terceiro colégio eleitoral do Brasil; um estado estratégico, portanto. Em setembro de 2009, a pouco mais de um ano das eleições e a um mês do anúncio do COI, Dilma possuía em torno de 15% das intenções de votos nacionais. Já Cabral, candidato à reeleição ao governo do Rio, oscilava na faixa dos 30% das intenções de voto. Dilma precisou de dois turnos para chegar à presidência (no segundo fez em torno de 60% dos votos do estado do Rio), enquanto Cabral liquidou fácil as eleições ainda na primeira rodada.

venceu Paris na última rodada por 54 a 50 votos. O último pronunciamento da delegação brasileira foi feito pelo presidente Lula,<sup>15</sup> e em se tratando de solenidades ritual e politicamente orientadas isso não é um simples detalhe. O presidente saudou os presentes e, logo no início de seu discurso, estabeleceu um primeiro nexos entre o movimento olímpico e os brasileiros, evocando a diversidade étnica, uma das marcas pelas quais o Brasil é reconhecido internacionalmente.

Olhando para os cinco aros do símbolo olímpico, vejo neles o meu país. O Brasil de homens e de mulheres de todos os continentes [...] orgulhosos de suas origens, e mais orgulhosos de se sentirem brasileiros. Não só somos um povo misturado, mas um povo que gosta muito de ser misturado; é o que faz nossa identidade.

Procurando demonstrar convicção, essencial quando se objetiva algo mais do que expressar um ponto de vista através da fala – nesse caso, convencer a plateia – o presidente reiterou o desejo de sediar os jogos. Talvez, o melhor seria dizer que ele os reivindicou:

Digo com toda a franqueza: chegou a nossa hora! Entre as dez maiores economias do mundo, o Brasil é o único país que não sediou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Entre os países que disputam hoje a indicação, somos os únicos que nunca tiveram essa honra. Para os outros será apenas mais uma Olimpíada, para nós, uma oportunidade sem igual. Aumentará a autoestima, consolidará conquistas recentes, estimulará novos avanços.

Mais pela convicção ao dizer do que pelo dito, Lula, que já transpusera os interesses do Rio para o Brasil, converteu-os agora numa escala continental.

Essa candidatura não é só nossa, é também da América do Sul, um continente com quase 400 milhões de homens e mulheres e cerca de 180 de jovens. Um continente que, como vimos, nunca sediou os Jogos Olímpicos. Está na hora de corrigir este desequilíbrio.

---

<sup>15</sup> Discurso de Lula – <http://www.youtube.com/watch?v=A5zrPRusLcY&feature=related> – e coletiva da delegação brasileira – <http://www.youtube.com/watch?v=tNw4HYKpPU&feature=related>.

Depois de elogiar o trabalho do COI; de ressaltar que seria um bom momento para se levar os jogos ao continente que ainda não havia sido contemplado; de exaltar as belezas do Rio de Janeiro e a hospitalidade dos seus habitantes; de reiterar o empenho governamental, incluindo-se as garantias financeiras – até o presidente do Banco Central estava em Copenhague –, Lula passou a falar da conjuntura social e econômica brasileira.

O Brasil vive um excelente momento. Trabalhamos muito nas últimas décadas. Temos uma economia organizada e pujante, que enfrentou sem sobressaltos a crise que ainda assola tantas nações. Vivemos num clima de liberdade e democracia. Nos últimos anos 30 milhões de brasileiros saíram da pobreza e 21 milhões passaram a integrar a nova classe média. [...] A superação de dificuldades é o que marca a história recente do Brasil e a trajetória de milhões de brasileiros.

O presidente anunciou, então, que acabara de participar da cúpula do G20, na qual teria sido redesenhado o mapa da economia e, no novo cenário, o Brasil teria sido reconhecido como tendo uma importante contribuição. Ele encerrou sua intervenção dizendo:

O Rio está pronto. Os que nos derem esta chance não se arrependerão. Estejam certos: os Jogos Olímpicos do Rio serão inesquecíveis, pois estarão certos da paixão, da alegria e da criatividade do povo brasileiro.

Concluído o pronunciamento de Lula, teve início o filme promocional da candidatura, dirigido pelo premiado cineasta Fernando Meirelles.<sup>16</sup> O vídeo, com pouco mais de dois minutos, começa com imagens de atletas de diferentes delegações olímpicas e paraolímpicas desembarcando no Rio de Janeiro. As imagens são acompanhadas pelo áudio, em inglês: “They come from country large and small, arriving at the promising shore. They come as Olympians carrying the dreams of the nations. But together in Rio that unites the world. The world will come together as never before”. Os atletas seguem pelas ruas da cidade, sendo recebidos com entusiasmo pela população local: um feirante oferece-lhes uma fruta; jovens capoeiristas exibem suas acrobacias; bailarinas sambam e na sacada de um edifício seus moradores estendem

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=24Kd5E0tDb0&feature=related>.

uma faixa amarela, com escrita em verde, na qual se lê “welcome”. Atletas de diferentes etnias se encontram, se misturam, sorriem e seguem juntos pelas ruas da cidade, passando por alguns pontos característicos. No percurso, mesclam-se aos moradores locais, e seguem todos numa mesma direção. Em diferentes idiomas é pronunciado o *slogan* que dá título ao filme: “a paixão nos une”. A peça encerra reiterando a mensagem de abertura: “The world will come together as never before when passion unites us. Rio 2016!” A tomada fechada, que até então privilegiava a face das pessoas, é finalmente aberta, distanciando-se em direção ao alto. Vê-se, então, que uma multidão converge nas areias da praia para formar os cinco anéis que compõem o símbolo olímpico, finalizando com uma bela fotografia integrando o mar, o símbolo olímpico e a cidade. Terminava assim também a apresentação da candidatura do Rio.

O vídeo foi muito elogiado, não só pela exuberância técnica, mas por ter oferecido um argumento diferente, e consistente, além de emotivo. Enquanto as demais cidades destacaram as vantagens utilitárias que as Olimpíadas trariam para os habitantes locais, em especial o caso da candidatura de Chicago, Fernando Meirelles mostrou o Rio como uma cidade disposta a acolher e interagir com os jogos. Em certo sentido, o argumento de Meirelles é uma atualização do “homem cordial”, protótipo de brasilidade descrito por Buarque de Holanda (1995, p. 146), nos quais se destacam a “lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam”. A ideia de que o “homem cordial” é o oposto do “homem civilizado”, na medida de “fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Buarque de Holanda, 1995, p. 147), é usada pelo vídeo estrategicamente para reforçar a ideia de que os brasileiros estariam esperando os Jogos – atletas, dirigentes, turistas, mídia internacional, etc. – de braços abertos. O “desejo de estabelecer intimidade”, traço essencial do “homem cordial”, perpassa o argumento de ponta a ponta, sugerindo o Brasil como uma nação aberta por natureza, de onde seria possível declinar a razão para uma miscigenação bem resolvida. Como uma peça de ficção – e não uma obra com pretensões científicas – a narrativa do filme pode flertar com o devir, razão pela qual ela pode ser apreciada, como uma ideia de nação que se quer ser.

Encerradas as apresentações, passou-se à votação – às 15h, no horário local. Se nenhuma das quatro concorrentes obtivesse mais de 50% dos votos – o que de fato ocorreu –, a menos votada seria eliminada, havendo nova votação, e assim sucessivamente, até surgir a vencedora. Para surpresa dos

brasileiros, Chicago foi eliminada na primeira rodada. Nova votação, e desta vez foi Tóquio quem capitulou. Restaram Madri e o Rio. Os membros do COI digitaram seus votos novamente. Só restava o veredicto, a parte culminante do ritual de instituição.

Uma jovem atleta dinamarquesa entrou no cenário portando uma bandeja na qual repousava um envelope. Ela o entregou ao presidente do COI. A mestre de cerimônia informou que o envelope continha o nome da cidade-sede dos próximos jogos. O presidente do COI fez um pequeno suspense, já com o envelope em mãos, depois interveio: “Hoje eu tenho a honra de anunciar que os jogos da 31ª Olimpíada serão sediados pela cidade...” Fez, então, uma breve pausa. O envelope foi finalmente aberto e virado na direção da plateia, no mesmo instante em que o nome da cidade foi pronunciado. Súbito, uma parte da plateia saltou de seus assentos, rompendo todos os protocolos: eram os brasileiros! Como se o “homem cordial” de fato existisse, não contiveram suas emoções. Abraçaram-se efusivamente, aos prantos. Pelé chorava copiosamente; Lula, também. Diante de tal demonstração, poder-se-ia suspeitar da competência dos brasileiros para organizar os jogos, jamais que eles não os desejassem profundamente.

A transmissão da Rede Globo dividiu a tela, de modo que, paralelamente à parte final do cerimonial de Copenhague, fosse possível acompanhar a expectativa da multidão que o assistia na praia de Copacabana.<sup>17</sup> Como há um breve retardo nas imagens, quem assistiu a transmissão pela TV viu primeiro a comemoração da delegação brasileira em Copenhague, e instantes depois a explosão de alegria nas areias de Copacabana. O âncora da transmissão, eufórico, verbalizou o óbvio: “vai ser no Rio”. Na tela dividida surgiram duas inscrições: naquela que exibia as imagens de Copenhague podia-se ler: “A Olimpíada é nossa! Rio vence eleição do COI”; na tela de Copacabana constava: “Resultado final: o Rio venceu.”

Em Copenhague, o anúncio foi seguido por uma entrevista coletiva e, depois dela, Lula tornou a se pronunciar aos repórteres, dessa vez de forma improvisada.<sup>18</sup> Ele sugeriu que a escolha fora um presente para a cidade do

---

<sup>17</sup> Cobertura da Globo – <http://www.youtube.com/watch?v=OM4p-gvstes&feature=related>. Cobertura da Sport TV – <http://www.youtube.com/watch?v=VkYolwdU37g&NR=1>.

<sup>18</sup> Coletiva da delegação brasileira: <http://www.youtube.com/watch?v=tNw4HYPkpPU&feature=related>. Entrevista de Lula, depois do discurso, na *Globo News*: <http://www.youtube.com/watch?v=VkYolwdU37g&NR=1>.

Rio, afirmando que a mesma merecia uma dádiva, pois já recebera a Coroa portuguesa, fora capital do Brasil e vinha sendo muito mal noticiada pela imprensa internacional, em função da violência e do tráfico de drogas. Lula estava entusiasmado, com os olhos meio esbugalhados: “O povo é bom, o povo é generoso; e aqueles que pensam que o Brasil não tem condições [de sediar as Olimpíadas] vão se surpreender.”

[Mas] a gente estava com a alma, com o coração. Ou seja: era o único país que queria de verdade fazer uma Olimpíada [...]. Porque [para] os outros seria mais uma, [mas] nós tínhamos que mostrar competência para fazer a primeira. Esse país precisa, esse país precisa de uma chance no século XXI, que não teve no século XX.

O presidente estava eufórico.

É dia de comemorar, porque eu acho que o Brasil saiu do patamar de país de segunda classe. Respeito é bom, nós damos e nós gostamos de receber. E hoje nós passamos a receber o respeito que as pessoas começaram a ter do Brasil. [...] Eu confesso a vocês que se eu morresse agora já teria valido a pena viver. Porque o Rio de Janeiro e o Brasil provaram ao mundo que nós conquistamos cidadania absoluta, absoluta mesmo. Ninguém agora tem mais dúvida da grandeza econômica, da grandeza social, da capacidade nossa de apresentar um programa [...].

Lula foi o escolhido pelo COB – e já dissemos que tudo foi meticulosamente planejado – não apenas para realizar uma intervenção, senão que foi o último a ocupar o tempo destinado à candidatura do Rio. Mais do que o fato de ser presidente, contou o prestígio que Lula dispunha no Brasil – ele deixou a presidência com mais de 80% de aprovação, a maior já registrada entre todos os presidentes brasileiros em fim de mandato – e mesmo internacionalmente. De qualquer modo, é importante considerar que seu discurso não difere, substancialmente, daquilo que foi dito na ocasião, antes e depois do anúncio do COI. Sendo assim, as palavras de Lula podem ser tomadas como referência, desde que matizadas com dados e informações suplementares, evidentemente.

O primeiro aspecto a ser destacado tem a ver com a reiteração de que somos uma nação miscigenada – nas palavras de Lula há um acréscimo, afirmando que a nação é orgulhosa disso. Em última instância, todas as nações são híbridas, embora nem todas se orgulhem disso. A miscigenação brasileira



evocada no discurso de Lula é a mesma do filme de Fernando Meirelles e, diga-se de passagem, não difere daquela descrita por Gilberto Freyre. Trata-se da mistura que até a década de 1930, pelo menos, era considerada uma das razões principais do nosso atraso, e que nos tempos atuais é denunciada por muitos movimentos políticos como sendo uma farsa, porque não se sustenta na prática ou porque na origem é produto da violência do homem branco contra mulheres negras e indígenas. Se observada em diacronia, a miscigenação é objeto de interpretações divergentes, mas jamais negada. Mesmo os movimentos sociais que são críticos em relação às proposições freyreanas, sobretudo no que concerne à suposta simetria da mistura, tem uma agenda voltada para as políticas reparatórias – como as cotas para indígenas e afro-brasileiros nas universidades – e para a garantia de direitos básicos – o que inclui a luta pela demarcação de terras para indígenas e quilombolas. Não existem, em todo o caso, movimentos extremistas de purificação étnica ou racial, como é frequente na Europa.

A segunda questão que aparece com destaque no discurso de Lula tem a ver com a estabilidade política e o avanço da econômica brasileira nas duas últimas décadas – embora Lula, por razões óbvias, preferisse destacar apenas a última década. Ainda estamos distantes da cidadania plena, mas o Brasil tem combinado crescimento econômico com inclusão social e estabilidade política com respeito à liberdade de organização e de expressão. Se considerarmos que parte das nações desenvolvidas enfrenta severa crise desde meados de 2008, o Brasil de fato encontrava-se, naquele momento, em situação privilegiada. Apesar do refluxo da economia local em 2009, o Brasil encerrou 2010 com a menor taxa de desemprego já registrada, tendo aumentado em 54% o número de trabalhadores com ocupação formal na última década. O salário mínimo triplicou no período, gerando inclusão econômica e social. Praticamente todos os indicadores foram favoráveis nas duas últimas décadas, o que explica, em parte, a popularidade de Lula e de seu governo, sobretudo entre as camadas mais baixas.

Essa conjuntura suscita uma crença amplamente disseminada segundo a qual o país dispõe de todas as condições para vir a ser uma potência econômica, haja vista as riquezas naturais, a extensão territorial e não registrar graves tensões internas – sejam elas de caráter étnico, religioso ou regional. Essa crença adquiriu contornos bem nítidos a partir da década de 1930, quando o país passou por um processo de industrialização intenso, com forte impulso

estatal na criação de indústrias nos setores de exploração petrolífera, mineração e siderurgia. Todavia, ao mesmo tempo em que se disseminava a convicção de que o Brasil seria um país com futuro, tentava-se explicar as razões da estagnação. Os governos militares, que se sucederam por duas décadas desde o golpe de 1964, popularizaram a ideia de que o Brasil era um gigante adormecido. A expectativa de que ele pudesse ser desperto não se confirmou, apesar de o país ter tido índices de crescimento econômico significativos durante a década de 1970. Durante a década seguinte não se falou mais em gigante adormecido, mas em crise, hiperinflação, desemprego, arrocho salarial. A década de 1990 começou tumultuada no âmbito político, com o *impeachment* do primeiro presidente eleito pelo voto direto, depois de quase 30 anos, e com crises intermitentes no âmbito da economia. A hiperinflação foi contida e a moeda nacional passou por um processo de valorização, o que garantiu duas eleições para Fernando Henrique Cardoso, ministro da Economia à época em que se deu o controle da hiperinflação. Todavia, os ganhos com o chamado Plano Real foram aos poucos sendo minados pela vulnerabilidade que caracterizava a posição brasileira no processo de globalização, seguidamente afetado pelas crises especulativas – crise do México e da Ásia, sobretudo.

Durante esse período, que vai do final da década de 1980 aos primeiros anos da década de 2000, usou-se, com muita frequência, outra metáfora, vinda do bilhar, segundo a qual o Brasil corria o risco de ser “a bola da vez”, no sentido de que estaria na iminência de ser atingido pelas crises mundiais. Quando veio à tona a recente crise desencadeada pelas restrições ao crédito nos EUA, e que se arrastou pela Europa, os especialistas locais se dividiram entre os que acreditavam que o Brasil poderia resistir, com pequenas avarias, e os que previram que ele seria atingido como as demais economias do Ocidente. Se isso acontecesse, haveria o risco de o país ver solapado o crescimento conquistado nos últimos anos, reproduzindo-se, assim, a rotina de altas e baixas das duas últimas décadas do século passado. Enquanto a imprensa internacional noticiava um *tsunami* nos mercados internacionais, com efeitos concretos na economia real, o presidente Lula tentava debelar o pessimismo dizendo que no Brasil não haveria mais do que uma “marolinha” – na gíria de surfistas, trata-se de uma onda pequena. De fato, a crise afetou o Brasil, mas com menos intensidade do que em outras economias do Ocidente e o país saiu dela rapidamente. O PIB brasileiro havia crescido à taxa de 5,1% em 2008, diminuiu para 0,2% em 2009

e retomou o fôlego em 2010, à taxa de 7,5%.<sup>19</sup> O que tem sido dito, nos últimos anos, é que o Brasil é a “bola da vez”, mas em sentido inverso àquele da década de 1990. Os indicadores econômicos apontam para um crescimento contínuo e com redistribuição de renda, o que é efetivamente raro na história do país. Embora se discuta os louros dessa conquista – Fernando Henrique Cardoso e Lula se digladiam verbalmente e eleitoralmente a esse respeito, com ligeira vantagem deste último, por enquanto – seus reflexos na vida cotidiana são inegáveis e isso ajuda a compreender por que o discurso segundo o qual a Copa do Mundo e as Olimpíadas servirão para promover o Brasil internacionalmente, outrora tão criticado, tenha sido aceito quase sem contestações.<sup>20</sup>

A propósito, a promoção do Brasil é a terceira questão a ser destacada no discurso de Lula: certa frustração, acompanhada pelo desejo de reparação, em relação à posição que o país ocupa no tabuleiro da política internacional. De fato, em que pese vivermos na era da informação, seguidamente o Brasil é percebido de forma distorcida. Nos EUA, por exemplo, muitos creem que o país seja uma selva com pessoas exóticas e animais peçonhentos; no mundo árabe, o Brasil é diluído como parte da América – não fosse o futebol provavelmente a confusão seria ainda maior – e na Europa muitos creem que no Brasil se fala espanhol – e isso não acontece apenas com os “incultos”.<sup>21</sup> Essas representações não agradam aos brasileiros – exceto pelo fato de que elas demonstram que a ignorância não é prerrogativa nossa –, mas não é para desmenti-las que se pretende sediar os megaeventos. Ou não é apenas para tanto. Vir a ser reconhecido como ocupando uma posição de liderança na América Latina é, sem dúvida, uma ambição, expressa no discurso de Lula, mas que está ao alcance de ser conquistada. Ao lado do Chile, mas com a vantagem de ter uma economia com mais envergadura – em 2009 o Brasil possuía o 8º PIB mundial, enquanto o Chile ocupava a 46ª posição –, o Brasil vem se sobressaindo por associar crescimento econômico com estabilidade política, ao contrário da

---

<sup>19</sup> Em 2011 e 2012 o Brasil voltaria a crescer a taxas menores (2,7% e 0,9%, respectivamente), frustrando o encanto do mercado internacional com o país e gerando muitas críticas à política econômica da presidenta Dilma, incluindo-se o temor com a volta da inflação.

<sup>20</sup> Um *survey* realizado pela agência Data Folha realizado em dezembro de 2008 – pouco mais de um ano desde o anúncio oficial de que o Brasil seria sede da Copa – indicava que 79% dos entrevistados eram a favor da Copa de 2014 no Brasil.

<sup>21</sup> Num dos episódios de *Os Simpsons*, cuja série é muito apreciada por aqui, Homer e sua família vêm ao Brasil e se envolvem em toda a sorte de confusões que, na verdade, reproduzem os clichês convencionais – Homer toma um táxi clandestino, depois é sequestrado; Barth é engolido por uma cobra, e por aí segue.

Argentina, que tem enfrentado muitos problemas econômicos, e da Venezuela, outra economia possante que passa por dificuldades. À diferença da estratégia chavista, de enfrentamentos ostensivos aos EUA, a diplomacia brasileira tem buscado trilhar seu próprio caminho, contrariando, inclusive, as estratégias de alinhamento incondicional à Washington observáveis desde os tempos da ditadura militar. Da mesma forma que se pensa como uma nação miscigenada, a nação se crê vocacionada para a o diálogo e, por extensão, para o consenso. É com base nesse argumento que o país sonha com um assento no Conselho de Segurança da ONU. Essa promoção (ou não) tem pouco a ver com a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil, mas é inegável a estreita relação entre as formas discursivas que estão na base das reivindicações.

## Usos e abusos do dinheiro público

Como sugerem antropólogos e sociólogos contemporâneos, os usos diferenciados do dinheiro têm implicações muito além do espaço estritamente econômico, mesmo em sociedade modernas nas quais existe uma tendência à fragmentação dos vários campos ou especialidades. Um dos aspectos destacados por essa bibliografia é que o dinheiro geralmente é acompanhado por um componente moral. Certos usos do dinheiro parecem orientados por parâmetros morais que estão diretamente vinculados às origens. É o caso dos mineiros bolivianos e colombianos, que acreditam ser o enriquecimento o produto de um pacto com o diabo (Taussig, 2010); das prostitutas tailandesas, que revelam ser difícil reter o dinheiro ganho com o sexo (Roux, 2011); dos novos-ricos do Vale do Silício, que investem em filantropia para reforçar a ideia de que “fazem a diferença” (Abélès, 2002); e das diferenças nos usos e significados do dinheiro no Brasil e nos Estados Unidos (Oliven 2001). Como revelam os diversos trabalhos de Zelizer (1994, 1995, 2011), uma das expoentes da assim chamada “nova sociologia econômica”, o dinheiro encontra-se totalmente imerso nas relações sociais, culturais e afetivas, sendo seguidamente motivo de disputas, algumas delas com desfecho nos tribunais.

O dinheiro arrecadado pelo Estado a partir da tributação generalizada não é, em hipótese alguma, um dinheiro qualquer. É de se esperar que seus usos suscitem controvérsias, tanto mais quando se trata do aporte desses recursos para eventos esportivos, pouco importa que isso ocorra no Brasil ou em outros países (Andreff, 2010; Llopis-Goig, 2012; Matheson, 2012). Essa modalidade

de empenho parece afrontar duas premissas mutuamente implicadas. A primeira delas é de que os recursos do Estado deveriam visar a coletividade, sendo essa premissa contrariada pela alegação de que os megaeventos esportivos contemplariam interesses privados (FIFA, grandes clubes de futebol, empreiteiras, quando muito setores pontuais da economia como hotelaria, turismo, segurança privada, entre outros). A segunda premissa supõe que, sendo os recursos do Estado limitados, dever-se-ia priorizar as demandas mais urgentes ou dos mais necessitados. Como os megaeventos tendem a concentrar muitos recursos em poucas obras, é difícil justificá-los com base no interesse coletivo, mas de certos grupos, quando muito. Também é complicado, para não dizer impossível, tratá-los como prioridades.

Nosso objetivo não é contestar as premissas segundo as quais o dinheiro público é sagrado nem que o mesmo deveria ser destinado às demandas mais urgentes. Tampouco nos propomos contestar as alegações de que a Copa do Mundo e as Olimpíadas sejam profanas e supérfluas. Evitando, tanto quanto possível, enunciar juízos de valor, característicos de uma abordagem normativa, buscamos trabalhar com os conflitos em torno dos usos dos recursos públicos. Em outras palavras, reconhecemos que nesse caso há disputa, pois as noções de “interesse público” e de “prioridade” são constituídas socialmente por meio de lutas políticas.

O debate em torno da relação público e privado desencadeado pelos megaeventos esportivos poderia ser creditado a mais um capítulo da longa trajetória da formação do Estado brasileiro em que os bens públicos são colocados a serviço dos interesses privados, como há muito enunciado e denunciado por pensadores clássicos da sociedade brasileira como Victor Nunes Leal, Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, entre outros. Segundo o viés do patrimonialismo, há pouco ou nada de novo no fato de o Estado brasileiro estar dispensando mais de 26 bilhões de reais para atender às demandas da copa, afinal é o que sempre se fez desde os tempos do Império. Sem contrariar essa linha interpretativa, gostaríamos de mostrar que existe, no presente, um debate público, franco e aberto, em torno dos empenhos governamentais, o que poderia ser pensando como um indício de que existe algo novo em curso. Uma vez que a Copa de 2014 – e tudo indica que ocorra o mesmo em relação às Olimpíadas de 2016 – já teve boa parte dos recursos públicos prometidos efetivamente empenhados, o que resta é menos uma questão prática e mais uma disputa no plano moral, mas nem por isso menos relevante.

### *O fim das ilusões*

Às vésperas do anúncio do Brasil como sede da Copa de 2014, o então presidente da CBF e principal mediador da candidatura brasileira, anunciava que a Copa de 2014 seria a copa da iniciativa privada. Ricardo Teixeira, alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 2001, havia recuperado um pouco de sua credibilidade naquele período em que transitava com desenvoltura em Brasília e em Zurique, mas não o suficiente para que suas declarações fossem levadas a sério.<sup>22</sup> Um dia após o anúncio oficial, a *Folha de S. Paulo* trouxe uma reportagem de página inteira falando sobre as inconsistências do projeto, incluindo-se a construção de estádios em locais onde não havia público para frequentá-los.<sup>23</sup> Até o anúncio das 12 entre as 18 cidades candidatas a sede, em cerimônia realizada nas Bahamas em 31 de maio de 2009, não havia escândalos a serem noticiados. A maioria dos jornais antecipou as escolhas e a surpresa ficou por conta da opção por Natal ao invés de Florianópolis, embora a CBF tivesse justificado a escolha invocando critérios regionais. São Paulo, a principal metrópole brasileira, não poderia ficar de fora, e não ficou. O estádio do Morumbi, de propriedade do Esporte Clube São Paulo, um dos maiores do Brasil, tinha todas as credenciais para sediar jogos importantes e mesmo o cerimonial de abertura.<sup>24</sup> Tanto mais que o clube tinha um plano de reforma, visando atender as exigências da FIFA.

Tudo parecia bem encaminhado nessa direção quando, no dia 24 de maio de 2010, Juca Kfoury, um dos mais reputados jornalistas esportivos brasileiros, anunciou em seu *blog* que o estádio do Morumbi não seria o local da abertura da copa. O título “Confirmado: Piritubão abrirá a Copa”, e a primeira frase, peremptória, “Ricardo Teixeira bateu o martelo”, tinham todos os ingredientes para engendrar extensa repercussão. Pirituba, de onde vem o codinome Piritubão, é um bairro proletário da periferia leste de São Paulo, identificada como território da torcida do Sport Club Corinthians, o segundo

---

<sup>22</sup> Para saber mais sobre as denúncias contra Ricardo Teixeira no Brasil ver Rebelo e Torres (2001), e, no exterior, Jennings (2011).

<sup>23</sup> Cf. Mattos (2007) e Projeto... (2007).

<sup>24</sup> Como envolve o cerimonial mais o jogo de estreia da competição, sempre com a presença do anfitrião, a abertura é o segundo evento mais cobiçado do conjunto, perdendo apenas para a final – que inclui a cerimônia de encerramento e o desfecho futebolístico propriamente dito.

clube no *ranking* das torcidas brasileiras e o primeiro no estado e na cidade de São Paulo. Juca Kfourri logrou sua reputação, entre outros motivos, pela crítica insistente a dirigentes de clubes e federações, o que lhe valeu vários processos judiciais impetrados por Ricardo Teixeira, presidente da CBF entre 1989-2012. Kfourri é torcedor corintiano assumido, o que raramente ocorre entre os cronistas esportivos brasileiros, e esse detalhe é importante, pois no final da nota o jornalista dava a entender, de forma indireta, que depois da copa o novo estádio seria entregue ao Corinthians – clube que, apesar da grande torcida, não dispunha de estádio próprio. O essencial da notícia, além do exposto, dava conta de que havia, nos bastidores, uma articulação envolvendo, além do presidente da CBF, o prefeito da cidade, Gilberto Kassab, e empresários da construção civil – uma vez que a “nova arena” teria de ser edificada em tempo recorde. Kfourri não apresentou uma versão definitiva do que se passava nos bastidores – talvez porque não a tivesse em detalhes ou pretendesse preservar as fontes –, tampouco projetou os próximos desdobramentos da disputa, mas ofereceu os fragmentos que, à maneira de peças de um quebra-cabeça, sugeria uma figura, nesse caso uma narrativa acerca do que se passava nos bastidores da preparação para Copa de 2014.

Àquela altura, não havia como garantir a veracidade da notícia, sendo a reputação do próprio jornalista a principal garantia. Outra boa justificativa para se crer nela era o fato de que até então a organização da copa não havia produzido nenhum escândalo, algo inacreditável se considerada a reputação da elite dirigente do futebol brasileiro. Desde antes do anúncio do Brasil como sede da copa dizia-se, em toda a parte, que haveria muita “maracutia”, razão pela qual o “furo” de Juca Kfourri soava verossímil. Imediatamente teve início a postagem frenética de comentários. Alguns comentaristas, incrédulos, acusaram Kfourri de leviandade e outros até de conspiração. Pesou contra o jornalista o fato de ele ser corintiano declarado, e da notícia insinuar que, o ao fim e ao cabo, o Corinthians seria beneficiado, pois depois da copa a nova arena ficaria sob sua administração, nos mesmos termos que o Botafogo – outro grande clube brasileiro sem estádio – gerencia o Engenhão, construído para o Pan-Americano de 2007 e sem destinação *a posteriori* (Curi, 2012). Entre os que o acusaram de conspiração – de “plantar notícia” para arruinar o projeto do São Paulo de reforma do Morumbi – boa parte eram identificados com o São Paulo Futebol Clube – pelo que se podia depreender das arguições ou porque o declaravam abertamente.

A nota teve intensa repercussão midiática, levando outros jornalistas a procurar as autoridades citadas para confirmar a informação. O próprio Kfourri fez um adendo ao *post*, uma hora e meia depois da publicação original, dizendo ter recebido telefonema do prefeito Gilberto Kassab, afirmando seu compromisso com o projeto do Morumbi, embora essa não fosse a posição de Ricardo Teixeira, presidente da CBF e do Comitê Organizador Local da Copa (COL), do qual era presidente à época. O jornal *Folha de S. Paulo*, do qual Kfourri é colunista, publicou reportagem no dia seguinte com relato de outra conversa com o prefeito Kassab, que reiterava sua lealdade ao São Paulo e ao Morumbi, na mesma linha de seu secretário de esportes, mas informava que, de fato, esta não era a vontade de Ricardo Teixeira. Outros veículos de comunicação também repercutiram a notícia e a estratégia dos dirigentes envolvidos, incluindo-se o então ministro dos Esportes, Orlando Silva, foi negar as articulações de bastidores.

Por conta desses desmentidos, muitas mensagens deixadas no *blog* atacavam o jornalista, o que parece tê-lo irritado, quanto mais pelo fato de que boa parte delas negligenciava as articulações de bastidores, que envolviam dirigentes esportivos e políticos com cargos importantes na administração local, estadual e nacional, em detrimento das tensões e jocosidades clubísticas. Quase 24 horas depois da postagem original, um internauta identificado como Marcelo K. parece ter decifrado a estratégia de Kfourri, cujo objetivo seria desencadear um movimento visando barrar as articulações de Ricardo Teixeira e, por extensão, manter o Morumbi como sede – o que seria justamente o oposto do que o acusavam.

Caro Juca: Parabéns pelo artigo de maior repercussão até aqui sobre a Copa de 2014. E que pode causar um paradoxo: ao informar que Teixeira bateu o martelo para o estádio de Pirituba, forçá-lo a aceitar o Morumbi como palco de abertura da Copa. Com a divulgação antecipada dessa informação muitos tiveram que reafirmar, em público, seu apoio ao estádio do São Paulo. Agora fica cada dia mais difícil tirar o Morumbi desse evento, mesmo que seja à revelia do presidente da CBF, que deve aprender que seus poderes não são ilimitados.

O próprio Kfourri respondeu ao comentário: “E você compensa um milhão de asneiras que se vê por aqui... Gracias!” Todavia, a estratégia de Kfourri mostrou-se insuficiente, e o veto ao Morumbi, bem como a construção de um novo estádio em São Paulo foram mantidos, embora não mais em Pirituba.



Oficialmente, a alegação do COL foi de que o São Paulo não ofereceu as garantias exigidas pela FIFA, e que o estádio poderia sediar jogos, mas não a abertura – o que reabriu a disputa entre Minas Gerais e Brasília. As especulações dão conta de que havia outros elementos em disputa, incluindo-se o interesse das empreiteiras – desejosas de construir um estádio em tempo recorde, pelas possibilidades de superfaturamento que tais circunstâncias propiciam – e as desavenças políticas entre os dirigentes do futebol.

A disputa é intrincada, mas pode-se resumir da seguinte forma: em abril de 2010 houve eleição para a presidência do Clube dos Treze, entidade que congrega as 20 principais agremiações clubísticas do Brasil e detém o controle sobre os direitos de imagem do campeonato brasileiro, organizado pela CBF.<sup>25</sup> Fábio Koff, presidente do Clube dos Treze desde 1996, vinha sendo reconduzido por consenso. Dessa vez, no entanto, houve uma chapa de oposição, encabeçada por Cléber Leite, ex-presidente do Flamengo e aliado de Ricardo Teixeira, que operou estrategicamente nos bastidores para “virar” alguns votos. O presidente do São Paulo foi eleito vice de Fábio Koff, que venceu por 12 votos a 8, uma margem escassa para quem nunca havia enfrentado concorrência. O veto ao Morumbi seria, pois, uma retaliação ao São Paulo, diante da postura de seu presidente no episódio eleitoral, mas também uma estratégia para potencializar Andrés Sánchez, presidente do Corinthians, que votou contra Koff, era aliado de Teixeira e, sobretudo, o mediador entre Teixeira e Lula.

Essa breve contextualização é importante para entender a intensa repercussão da notícia, conquanto a intrincada disputa entre os dirigentes de clubes e federações daria uma ótima tese sobre o *modus operandi* das elites políticas – muitos, inclusive, são políticos profissionais, outros, aspirantes. Entre o fim da tarde do dia 25 e o meio-dia de 27 de maio de 2010 foram postadas 2158 mensagens no blog de Juca Kfoury, a maior parte delas nas primeiras

---

<sup>25</sup> Embora seja uma organização da elite clubística, o Clube dos Treze surgiu a partir de uma desavença em relação à gestão do campeonato brasileiro, ainda na gestão anterior a Ricardo Teixeira. Em 1987 o Clube dos Treze chegou a realizar uma espécie de campeonato brasileiro paralelo àquele promovido pela CBF, com o apoio da principal emissora de TV brasileira e de patrocinadores de peso, como a Coca-Cola. Quando tudo se encaminhava para a formação de uma liga independente, como as que gerenciam os principais campeonatos europeus, houve uma reconciliação parcial entre dirigentes de clubes e CBF – dissidências e traições entre os dirigentes de clubes favoreceram a reaproximação. De qualquer modo, o Clube dos Treze – que de 13 passaria a 20 nos anos seguintes –, cujas agremiações detêm aproximadamente 90% das preferências clubísticas nacionais, preservou a gestão dos direitos de imagem, uma renda que não parou de aumentar desde então.

24 horas.<sup>26</sup> O conjunto das postagens produz uma espécie de narrativa em espiral, pois a interlocução avança agregando informações e novos pontos de vista, mas seguidamente retomando certos temas. As jocosidades clubísticas são uma constante, enquanto são retomadas, de tempos em tempos, discussões acerca da credibilidade da notícia, rivalidades regionais, críticas aos dirigentes de futebol e a políticos em geral, falta de critério na aplicação dos recursos públicos, entre outros. Analisando esse material, fica explícita a má reputação da elite dirigente do futebol, e de Ricardo Teixeira em particular. Assim como o visitante Roberto, muitos outros colocaram em suspeita os desmentidos de que não haveria trama de bastidores para barrar o Morumbi:

Amigos, vindo Ricardo Teixeira eu não duvido de nada. O Morumbi pode estar confirmado para o Presidente, para o ministro e até abençoado pelo Papa, mas o Ricardão, se cismar e tiver interesses (ele tem e vários outros tem) passa por cima de todos. Alguém duvida? Agora, continuem acreditando no Ricardo Teixeira. Esse cara só fala a verdade quando convém e se convém. Ele pode negar qualquer coisa até a morte hoje e amanhã vem com a cara mais lavada desmentir. É novidade isso?

Um segundo aspecto importante de ser destacado é o tom jocoso com que o descrédito e a suspeição são enunciados. Outro internauta, seguindo a linha de Roberto, sugeriu a montagem de uma espécie de comitê de ética para fiscalizar o uso do dinheiro público destinado à organização da copa. Identificado como José Benedito Pereira, recomendou alguns nomes, inclusive, todos de políticos cassados por corrupção ou que estiveram próximos disso: “Juca, creio que deveria constituir uma comissão formada com os seguintes elementos: José Sarney, Jader Barbalho, Arruda, José Dirceu, Renan Calheiros e seus subordinados para tomar conta do dinheiro para a construção do novo estádio.”

---

<sup>26</sup> Apesar da quantidade de postagens, não existe a menor possibilidade de aferir se elas são representativas dos que pensam os brasileiros, nem é possível afirmar o contrário. Pelos *nicknames* é possível dizer que mais de 90% dos recados foram postados por homens, que alguns postaram mais do que um – especialmente nos casos em que se travou uma pequena discussão entre eles –, são residentes no estado de São Paulo e acompanham o futebol cotidianamente – embora o acesso ao *blog* pudesse ser realizado a partir da página do UOL, principal provedor brasileiro, com sede em São Paulo, é razoável supor que aqueles que não estão atentos ao mundo do futebol, salvo exceções, não teriam se dado o trabalho de ir até o *blog* e deixar um comentário.

As metáforas, as ironias, os sarcasmos, na visão dos nativos, o “esculacho”, conferem ao material um estilo singular. Aparentemente fragmentada, a narrativa é uma espécie de *patchwork* da moralidade popular acerca de um tema sério, muito próximo daquilo que se observava nos estádios de futebol brasileiros na época em que havia setores destinados às classes baixas. O moderador do *blog* de Kfourri certamente fez uma filtragem, deletando o repertório de expressões relacionadas ao baixo ventre, cuja presença demarcava, ao menos nos estádios, um espaço de pertencimento. O grotesco é um gozo estético e também político, escreveu Bakhtin, pois sendo a fórmula por excelência de expressão da inconformidade e da irreverência das classes baixas, usa o riso como um protesto.

As jocosidades clubísticas não são apenas recorrentes, mas dão o tempero do debate. Muitas mensagens usam como referência os totens clubísticos. Os torcedores do São Paulo, clube que teria uma origem mais elitizada, são tratados por “bambis” pelos demais torcedores, especialmente os corinthianos. Como o Corinthians é o clube de maior torcida, com forte inserção entre o proletariado, seus seguidores são chamados de “gambá”.<sup>27</sup> Os palmeirenses, cujo totem é o porco, ocupam, de fato, um lugar periférico na discussão, uma vez que a disputa, pelo que sugere o conteúdo da nota, está entre o São Paulo, que estaria perdendo a prerrogativa de sediar a abertura da copa, e o Corinthians, que seria beneficiado caso fosse construído um novo estádio. A discussão a seguir, travada entre corinthianos e são-paulinos, é um bom exemplo disso.

• *lucas – timao* diz:

26/05/2010 at 5:32 PM

Isso mesmo, nós precisamos de um estádio novo! O Corinthians tem a maior torcida de São Paulo, então tem o **direito de ganhar um estádio** novo, sim! Quero só ver os torcedores de outros times, quando o timão ganhar seu estádio

---

<sup>27</sup> As rivalidades clubísticas brasileiras concentram-se, basicamente, na questão da classe social, algumas delas tensionando também a categoria raça. Não temos nenhum caso de rivalidade assentada em fatores religiosos, o que é facilmente compreensível para um país marcado pelo sincretismo. Embora haja muitas diferenças regionais, nenhuma delas se destaca sobre as demais a ponto de polarizar a nação. No fim das contas, as rivalidades mais pronunciadas são entre clubes locais, de uma mesma cidade, como ocorre na Itália e na Inglaterra.

novinho e os bambis com um estádio velho, antigo, da década de 60, kkkkkkkk  
kk

Gosto muito de tudo isso!

Responda

• *cunha* diz:

26/05/2010 at 5:34 PM

Vai sonhando... quem sabe um dia ganha libertadores, estádio do governo, o que mais vcs querem??

• *Rodrigo* diz:

26/05/2010 at 5:47 PM

Vc acredita em papai noel, mula sem cabeça, saci pererê...

• *Cleder* diz:

26/05/2010 at 5:47 PM

além do estádio o que mais vc quer um PLAYSTATION para jogar LIBERTADORES kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

• *Boassi* diz:

26/05/2010 at 5:56 PM

Gambá precisa de um novo estádio? Novo sonho né PQ estádio vcs não têm! Libertadores TB Não!!!

• *Rogério* diz:

26/05/2010 at 5:58 PM

Sempre vivendo de ilusão, cadê meu estádio, cadê minha libertadores, vamos trabalhar.

(6/3/3) 6 brasileiros, 3 libertadores e 3 mundiais

• *Norberto* diz:

26/05/2010 at 6:04 PM

Sr. Lucas: O fato do clube que o Sr. torce ter (por enquanto) a maior torcida de São Paulo não dá a ele o direito de "ganhar" um estádio novo. O Estádio Cícero Pompeu de Toledo pode ser "antigo" mas tenha a certeza de que é o orgulho da

torcida do São Paulo pois foi construído ao longo de TREZE ANOS (período em que, inclusive, ficou sem conquistar título, pois direcionava todos os recursos possíveis às obras, em detrimento à contratação de craques para o time de futebol). Apenas para refrescar sua memória (se é que o Sr. Conhece a história): O clube que o Sr. torce tem 100 anos de fundação e jamais conseguiu construir um estádio, mesmo possuindo a “maior torcida”. O São Paulo Futebol Clube é 25 ANOS MAIS JOVEM e desde 1970 tem o Morumbi. Quem sabe, sabe. Quem não sabe... bate palmas!

• *Emerson* diz:

26/05/2010 at 10:13 PM

Mais um sonho corinthiano... E lá vão mais 100 anos na espera...

Ganhar estádio??? Na boa, vcs acham realmente que vão ganhar esse estádio???

Vão ganhar igualzinho a Libertadores de 2010!!!

O Corinthians venceu a Libertadores e o Mundial de Clubes em 2012, os dois campeonatos mais cobiçados pelos torcedores brasileiros e seu estádio, construído às pressas e com aproximadamente 50% de subvenções públicas, deverá servir para a abertura da Copa de 2014. O que gostaríamos de destacar da sequência acima é o fato de o sujeito identificado como Lucas, que está na origem da polêmica, reivindicar “o direito de ganhar” um estádio para seu clube, no caso o Corinthians. Apenas no sexto comentário é que alguém se dá conta de que entre um direito e uma dádiva parece haver uma diferença, de modo que soa anacrônica a reivindicação. Pode parecer algo pontual, mas a sobreposição da lógica do direito e da dádiva permeia a maior parte da discussão. Esta talvez seja uma boa indicação de como são pensadas também as categorias “público” e “privado” Brasil, cuja sobreposição resulta na tolerância dos fluxos entre uma esfera e outra ou, o que é mais grave, do público em direção ao privado, como é a regra no caso do patrimonialismo.

### *Outras frentes discursivas*

Não existe consenso em torno do que significa, para os brasileiros, o fato de o país ser sede dos dois principais megaeventos esportivos consecutivamente. Há tensões em torno dos significados e elas se renovam com o passar

do tempo, o avanço das obras e a aproximação da parte principal do evento, as disputas futebolísticas propriamente ditas. Um balanço mais cuidadoso do que se fez e do que se disse, levando em conta o conjunto heterodoxo de posições, só poderá ser realizado depois que a parte principal do evento tiver sido realizada. Em todo o caso, é pouco provável que a questão do dinheiro empenhado pelo Estado seja excluída dos temas controversos.

Nosso objetivo não é contestar (muito menos avaliar) o uso de recursos públicos na consecução da copa, uma vez que este, assim como todo o dinheiro amealhado pelo Estado através de impostos (ou desonerações), é objeto de luta política. De fato, nota-se, a esse respeito, não apenas uma pluralidade de pontos de vista, mas a produção de discursos bem articulados, que poderiam ser chamados de ideológicos, politicamente orientados e visando uma dada finalidade – a justificação ou contestação dos empenhos públicos. Poder-se-ia constituir uma cartografia desses discursos tomando-se como referência os usos das categorias “investimento” e “gasto” para definir o aporte de recursos públicos para a realização dos megaeventos. No âmbito das disputas em questão tais termos são usados como categorias diacríticas. Investimento sugere o empenho de algo com a expectativa de retorno, enquanto gasto sugere o esvanecimento. Investimento sugere produção, enquanto gasto suscita a ideia de consumo. É óbvio que a FIFA trata o dinheiro empenhado pelo governo brasileiro como investimento, ao passo que os movimentos sociais que contestam as obras da copa preferem, de longe, o termo “gasto”, porque soa como desperdício.

Na verdade, a FIFA não é a única agência produtora de discursos visando justificar o uso de dinheiro público. Ao menos três outras fontes vertem argumentos nessa direção e, por conta disso, poderiam ser arroladas como parceiras da FIFA. Uma delas são as agências estatais, nesse caso integradas pelos governos federal – cujo Ministério dos Esportes ocupa uma posição de destaque, mas não menos importante é o posicionamento de agências de fomento, como o BNDES e a Caixa Econômica Federal –, pelos governos estaduais que sediarão os jogos – 12 no total – e as cidades-sedes e sub-sedes. Esse tipo de material pode ser acessado nos *sites* das agências engajadas na organização dos megaeventos, e não deixa de ser surpreendente que possa ser localizado em material de divulgação da Secretaria Especial da Copa de Canoas, cidade que integra a Região Metropolitana de Porto Alegre e pleiteia alojar os treinamentos de uma delegação durante a copa – como a cidade não

possui hotel cinco estrelas, buscou uma parceria na capital.<sup>28</sup> Isso mostra o lastro institucional desse discurso que, em última instância, busca convencer que a copa é uma oportunidade.

Uma segunda instância de produção discursiva está localizada na mídia esportiva – televisões, rádios, jornais, *blogs*, etc. Na verdade, a mídia esportiva – que no Brasil é hegemonicamente voltada ao futebol – é parte inseparável dos megaeventos. Vale para a televisão, a mídia principal em termos de retorno econômico para a FIFA, mas também para as demais, uma vez que elas são responsáveis pela elaboração de narrativas – audiovisuais e escritas – que reconfiguram os espetáculos num registro ainda mais espetacularizado, ao alcance de um público ampliado. Para o caso de boa parte dos espetáculos esportivos, a produção em segunda mão é tão ou mais importante do que a produção original.<sup>29</sup> Na medida em que paga pelos direitos de imagem e, portanto, faz um negócio de risco, a televisão é entre as mídias aquela na qual são maiores as chances de encontrarmos um discurso afinado com os demais produtores, salvo o caso de concorrentes alijados das imagens. Nos demais espaços há maiores possibilidades de encontrarmos dissonância. Todavia, quase sempre elas se limitam a questões pontuais, que mais ajudam na depuração dos discursos hegemônicos do que na contestação ou, quando é o caso, na correção de empreendimentos, agilização das obras e controle dos investimentos. Seria possível arrolar um grande número de cronistas que se manifestam contrários à realização da copa no Brasil, mas essas críticas, por vezes performaticamente

---

<sup>28</sup> A prefeitura de Canoas criou uma secretaria especial para tratar da candidatura à sede de treinamento de uma das seleções que jogará em Porto Alegre. O principal trunfo da candidatura, além da proximidade com a capital, é um miniestádio situado no complexo esportivo da Universidade Luterana do Brasil, sediada na cidade. Além disso, a prefeitura vem pleiteando a inclusão de projetos nas obras da Copa, entre os quais a revitalização de uma praia de rio localizada em um dos bairros mais populares da cidade. Essas informações fazem parte da pesquisa desenvolvida pela bolsista de iniciação científica BIC/UFRGS Aléxia Barbieri, a quem somos gratos por nos ter disponibilizado o material impresso.

<sup>29</sup> Diferentemente do campo artístico, em que o cinema se deslocou do teatro, no campo esportivo não ocorreu essa cisão. Em certo sentido, o jogo é teatro e cinema ao mesmo tempo – ou um teatro irradiado. As mídias esportivas possuem a importante tarefa de transformar o jogo em um espetáculo para quem não está no estádio e nisso foram tão bem sucedidas que as suas produções são apreciadas mesmo nos estádios. Até alguns anos os torcedores levavam consigo o rádio, fazendo da locução espetacularizada um acompanhamento indispensável ao registro visual realizado *in loco*. Mais recentemente, e para a Copa de 2014 é uma exigência da FIFA, as imagens captadas e editadas pela televisão estão ao alcance dos torcedores nos estádios. A reprise de lances capitais e de ângulos inusitados, consagradas pela edição televisiva, proporciona ao espectador das arenas um ponto de vista sobre o espetáculo que ele se habituou a usufruir pela televisão, em sua poltrona de casa, e do qual não deseja abrir mão.

virulentas, seguidamente são resultados de disputas dentro do próprio espaço do jornalismo esportivo ou de meras tomadas de posições excêntricas e, tanto num caso quanto noutro, raramente têm algum tipo de repercussão. Ao fim e ao cabo, a crônica esportiva reproduz uma narrativa engajada, não apenas sobre a Copa do Mundo e as Olimpíadas, mas também sobre os valores do esporte de espetáculo em geral – à competitividade, à busca por resultados, à eficácia, ao recorde, ao espírito de equipe, ao sacrifício e assim por diante.

Outro polo de produção discursiva é constituído pelas agências privadas, parceiras da FIFA, como as grandes multinacionais que investem em publicidade no megaevento ou mesmo pelas empresas beneficiadas com a realização da copa no Brasil: grandes empreiteiras, empresas de transporte aéreo, o setores de turismo e hotelaria, entre outros. É ilustrativo a esse respeito o papel desempenhado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que contratou uma consultoria junto à Fundação Getúlio Vargas para produzir um estudo de viabilidade de negócios às micro e pequenas empresas. De posse desse material o Sebrae realizou uma espécie de caravana nacional, alusiva aos “mil dias para a Copa de 2014”, tratando o evento como uma oportunidade de negócios e orientando seu público-alvo para tal. Em Porto Alegre o evento ocorreu em setembro de 2011, no Hotel Plaza São Rafael, um dos mais prestigiados da cidade, e contou com a presença de aproximadamente duas centenas de pessoas, entre políticos (sobretudo prefeitos de cidades do interior) e pequenos empresários. Pouco se falou em futebol na ocasião, antes no que fazer (e não fazer) para concretizar a ideia de que a copa seria uma oportunidade econômica. Como sugeria um vídeo institucional apresentado no início dos trabalhos, logo após um generoso *coffee break*, aquele deveria ser encarado como um “encontro de negócios”.

Na contramão das formas discursivas oficiais ou a elas engajadas há outro conjunto de narrativas. No que concerne ao debate em torno dos recursos públicos, eles os tratam como gastos (ao invés de investimentos) e questionam o legado para além da elite do circuito futebolístico e um número restrito de outros setores da economia. Esse ponto de vista é veiculado pela mídia dita alternativa – redes sociais, *blogs*, rádios comunitárias, jornais de circulação mais restrita, revistas acadêmicas, etc. – e até na mídia convencional, por setores ou agentes que se pretendem esclarecidos. Possui notória conexão com o meio acadêmico, dialogando com teorias que criticam os valores do liberalismo, sem dúvida impregnados nos espetáculos promovidos pelos megaeventos



esportivos. Trata-se, pois, de um discurso arrojado, que contesta os valores professados pelo movimento esportivo e fazem da constatação de que o dinheiro e a política se misturaram ao esporte uma acusação.

Essas produções discursivas operam em duas frentes, atacando as justificativas apresentadas pelo discurso oficial ao mesmo tempo em que municiam um leque amplo e heteróclito de movimentos sociais mobilizados contra a copa, dentre os quais se destaca o Comitê Popular da Copa, articulado nacionalmente. Parte desses movimentos dá suporte a grupos implicados pelas obras da copa – construção de estádios, ampliação de aeroportos, abertura de avenidas, reurbanização de áreas degradadas e assim por diante.<sup>30</sup> Outros possuem causas próprias, como é o caso do coletivo Defesa Pública da Alegria, que realiza protestos contra a concessão de espaços públicos a empresas privadas. Um dos protestos organizados pelo coletivo em Porto Alegre, em outubro de 2012, visava questionar a presença do mascote da copa, apelidado de Tatu Bola e fixado no centro da cidade, ostentando no peito a logomarca da Coca-Cola. O Tatu acabou esvaziado e o protesto teve repressão desproporcional da Guarda Municipal e da Brigada Militar, como reconheceram as próprias autoridades.<sup>31</sup>

Os críticos dos megaeventos alegam, de forma persuasiva e com exemplos concretos, que os gastos públicos em equipamentos esportivos são mal planejados, mal executados e acabam favorecendo grupos restritos, entre os quais se encontram as grandes empreiteiras e os próprios políticos, que recebem em troca polpudas remessas para o financiamento de suas campanhas.<sup>32</sup> No topo da lista das malversações está o Estádio João Havelange, conhecido como Engenhão, construído para a realização dos Jogos Pan-Americanos, em

---

<sup>30</sup> Sobre esta questão, com etnografia realizada em Porto Alegre, conferir as monografias de Araújo (2011) e Mesomo (2012). Não custa esclarecer que este artigo foi revisado durante as manifestações que ganharam as ruas ao longo dos meses de maio e junho, nas quais os Comitês Populares da Copa tiveram destacada atuação. Todavia, não houve tempo de incorporar detalhes a respeito.

<sup>31</sup> O coletivo Defesa Pública da Alegria tem página no Facebook no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/defesadaalegria>. Sobre a manifestação realizada em 4 de outubro de 2012 há imagens disponíveis no YouTube, em <http://www.youtube.com/watch?v=4N6L8pXIR3g>.

<sup>32</sup> As grandes empreiteiras figuram entre os principais doadores de campanhas políticas. Numa lista dos 30 maiores doadores de campanhas entre 2002 e 2012, as quatro primeiras posições são ocupadas por empreiteiras, sendo que duas delas (Andrade Gutierrez e OAS), estão encarregadas da construção de 50% das novas arenas (ver Quadro 2, adiante). A lista de donatários é bastante heterodoxa, com candidatos de todas as agremiações partidárias, como mostram as reportagens de Gama (2013) e de Navarro e Costa (2010).

2007, sob a alegação de que posteriormente seria utilizado para a Copa de 2014 e as Olimpíadas – caso o Rio de Janeiro fosse a cidade escolhida. Entre o projeto e a entrega da obra os custos do Engenhão aumentaram aproximadamente 1000%. O Estádio não será usado na Copa de 2014 e, o que é ainda pior, teve de ser interditado no início de 2013, por problemas em sua estrutura. No caso específico da Copa de 2014, há quatro entre os 12 estádios que são tidos, desde o momento em que foram projetados, como sérios candidatos à obsolescência. O estádio de Brasília soava estapafúrdio desde o princípio e poderia ter sido abortado quando do expurgo do então governador José Roberto Arruda, por ocasião do “mensalão do DEM”, no início de 2011. Foi Arruda quem bolou o projeto faraônico e quando ele foi preso por corrupção sequer as fundações haviam sido edificadas. Mas ninguém fez qualquer movimento em sentido contrário. O estádio mais caro da Copa de 2014, com capacidade para mais de 70 mil espectadores, é uma obra-prima em termos de engenharia e arquitetura, mas está localizado numa cidade cuja principal agremiação clu-bística atua na terceira divisão nacional e a média de público no campeonato local – no caso, distrital – oscila entre 800 e 4000 torcedores.<sup>33</sup>

Projetos claramente incompatíveis com a realidade econômica brasileira e sem qualquer modalidade de participação popular foram desgastando a imagem da competição.<sup>34</sup> As cifras vultosas viraram manchetes, muito embora nem sempre fosse dado aos números o tratamento devido. Dos 25,6 bilhões de reais previstos pelo relatório do Gecopa<sup>35</sup> em novembro de 2012, 33,5% concentravam-se na rubrica de “mobilidade urbana”, 27,7% nas “arenas/estádios”, 26% em “aeroporos”, 9,6% em “turismo e outros” e 2,6% em “portos”.

---

<sup>33</sup> Sobre a questão dos estádios sugerimos, além da tese de Curi (2012), já referida anteriormente, o trabalho de Velho Barreto e Nascimento (2011), que discute o caso de Recife/São Lourenço da Mata.

<sup>34</sup> Dados da agência DataFolha (2013) revelam que em 2008, um ano após a definição do Brasil como sede dos jogos, 79% eram favoráveis, 10% contrários e 11% indiferentes ou não opinaram. Em dezembro de 2012 outra sondagem da mesma agência revelava que 70% consideravam a copa muito importante para o país, um índice expressivo se considerado ainda que apenas 10% consideraram o evento sem nenhuma importância. O que chama a atenção é o fato de que 76% consideravam que havia corrupção nas obras da copa.

<sup>35</sup> O Grupo Executivo da Copa do Mundo (Gecopa) é uma parceria entre a Advocacia-Geral da União e o Ministério dos Esportes com a finalidade acompanhar os diversos aspectos jurídicos envolvidos com os contratos visando a realização da Copa no Brasil. O Gecopa é composto por três representantes da Consultoria-Geral da União, quatro da Procuradoria-Geral da União, dois da Secretaria-Geral de Contencioso, quatro da Procuradoria-Geral Federal e um da Consultoria Jurídica do Ministério do Esporte.

Tem razão o governo federal quando afirma que os gastos com a Copa de 2014 não se circunscrevem às arenas, pois 2/3 dos recursos são destinados a outras rubricas. Todavia, uma parte expressiva do que está previsto na rubrica “mobilidade” (41,6%) será bancada pelos governos estaduais e municipais e mais da metade da rubrica “aeroportos” (53,%) virão da iniciativa privada, mediante a concessão da gestão dos aeroportos por parte do governo. Intencionalmente ou não, a colocação desses recursos na contabilidade da copa dilui, parcialmente, os gastos com as arenas, em relação aos quais se concentram as críticas principais.

Para a Copa de 2010 a Alemanha gastou aproximadamente 2 bilhões de euros em arenas (5,5 bilhões de reais),<sup>36</sup> pouco mais de 80% dos gastos do Brasil, estimados em 7,1 bilhões de reais. Para um país cujo governo federal arrecadou 1,029 trilhão de reais em impostos em 2012 (Arrecadação..., 2013) e possui a 7ª economia mundial (com um PIB estimado em 2,4 trilhões de dólares), as cifras empenhadas nos estádios não chegam a comprometer a economia. É fato que o país tem sérios problemas nas áreas da saúde e da educação, mas do ponto de vista estritamente econômico, é improvável que os recursos aplicados nos estádios pudessem promover uma mudança substantiva caso fossem revertidos a essas áreas, como sugerem muitos dos argumentos contestatórios.<sup>37</sup> A questão nos parece menos de ordem econômica e mais de cunho moral, afinal existe uma percepção generalizada de que os investimentos são muito concentrados e realizados segundo critérios políticos e econômicos de uma elite dirigente.

De fato, são apenas 12 praças de esporte diretamente contempladas, além de outras que aproveitaram o programa de isenção de tributos para construir arenas privadas – caso de Grêmio e Palmeiras, por exemplo. Isso está longe de atender as demandas das centenas de clubes de pequeno porte, sem contar as agremiações que não atuam profissionalmente mas dispõem de campos ou pequenos estádios onde realizam suas atividades esportivas e recreativas. Como ilustração da concentração de benefícios realizada pela copa, vale a

---

<sup>36</sup> A conversão foi realizada com base na cotação de 31 de novembro de 2012, mês no qual o relatório do Gecopa foi publicado.

<sup>37</sup> Por curiosidade, o orçamento do governo federal para 2013 previa o aporte de 99,8 bilhões de reais para o Ministério da Saúde e de 81,1 bilhões para o Ministério da Educação. Os dados são do portal *GI* (Costa; Passarinho, 2013).

pena prestar atenção neste dado: a prefeitura de Porto Alegre administra 42 campos de futebol de várzea (alguns com alambrado, arquibancadas e iluminação) e se esse número fosse projetado para o Brasil chegaríamos a 5685 campos. O cálculo, um tanto grosseiro, está claramente subestimado, uma vez que no Brasil temos 5570 municípios e não se tem notícia que algum deles não tenha seu estádio, mas nenhum deles haverá de receber qualquer melhoria por ocasião da Copa de 2014.

Além da FIFA, cujo uso dos estádios será efetivamente esporádico – somando-se a Copa das Confederações e a Copa de 2014 serão 80 jogos em 12 arenas, com média de 6,4 jogos por arena – quem vai se beneficiar com os novos estádios serão alguns poucos clubes da elite profissional, já beneficiados com o aporte de receitas decorrentes da visibilidade que a copa projetou sobre o campeonato nacional como um todo.<sup>38</sup> Dos 12 estádio selecionados para a Copa de 2014, apenas três são de propriedade privada, outros cinco foram edificados ou reformados com o suporte de parcerias público-privadas (PPPs) e quatro foram bancados com verbas públicas, entre os quais o Mané Garrincha – com recursos do Distrito Federal – e o Maracanã. Dos 7,1 bilhões previstos para serem gastos, apenas 1,1 bilhão é dinheiro privado (e ainda assim a maior parte foi contratada via financiamento subsidiado junto ao BNDES), 2,7 bilhões foram financiados pelas PPPs e 3 bilhões bancados por governos estaduais e do Distrito Federal, com ou sem o suporte do BNDES. O Maracanã custou aos cofres do governo estadual mais de 800 milhões de reais, mas sua gestão foi repassada a uma empresa privada que vai pagar ao estado do Rio de Janeiro 34 parcelas anuais de R\$ 5,5 milhões para administrar o estádio por 35 anos. Em síntese: o governo do estado não irá recuperar nem 1/4 do valor gasto.

---

<sup>38</sup> Conforme reportagem do jornal esportivo *Lance!net* (Siqueira, 2013), em 2011 e 2012 houve um aumento de 80% na receita dos 14 principais clubes brasileiros apenas com a venda dos direitos de televisão. Segundo compilação (não desmentida) do consultor de *marketing* e gestão esportiva Amir Somoggi (2013), os dez principais clubes brasileiros tiveram um aumento de 319% em suas receitas entre 2013 e 2012. Por mais incrível que pareça, no período aproximado (de 2004 a 2011) o endividamento também aumentou expressivos 209%. A receita total desses dez maiores clubes em 2012 ultrapassou 1,9 bilhões, o que faz crer que eles teriam como bancar parte dos investimentos em arenas (e alguns estão fazendo).

Outro aspecto que desperta a atenção dos críticos diz respeito ao descompasso entre a estimativa de custos das obras em 2009, quando da definição das cidades-sedes, e os valores que haverão de ser desembolsados, como pode ser observado no Quadro 1 (a seguir). Como se trata, basicamente, de recursos públicos, a suspeita é de que os projetos tenham sido deliberadamente subestimados para evitar a ira popular, sendo paulatinamente readequados com o andamento das obras. A desconfiança só aumenta quando se observa que as empresas que realizaram as obras são tradicionais prestadoras de serviços aos governos e, como dissemos, possuem longo histórico de financiamento de campanhas políticas.

<b>Cidade</b>	<b>Estádio</b>	<b>Proprietário</b>	<b>Custo estimado em jun. 2009 (em milhões de reais)</b>	<b>Custo estimado em abr. 2013 (em milhões de reais)</b>	<b>Valor financiado via BNDES (em milhões de reais)</b>
Belo Horizonte	Mineirão	Estado MG	426,1	695	400
Brasília	Mané Garrincha	Distrito Federal	520	1015	–
Cuiabá	Arena Pantanal	Estado MT	400	518,9	285
Curitiba	Arena da Baixada	Clube Atlético Paranaense	184,5	234	123
Fortaleza	Castelão	Estado CE	300	623	351,4
Manaus	Arena Amazônia	Estado AM	500	415	400
Natal	Arena das Dunas	Estado RN	300	417	396,5
Porto Alegre	Beira-Rio	SC Internacional	120	330	235
São Lourenço da Mata/ Recife	Arena Pernambuco	Estado PE	500	529,5	400
Rio de Janeiro	Maracanã	Estado RJ	430	808,4	400
Salvador	Fonte Nova	Estado BA	400	591,7	323,6
São Paulo	Morumbi	São Paulo FC	300	Reforma não executada	
	Arena Corinthians	SC Corinthians Paulista		820	400

**Quadro 1.** O custo das arenas.

Fonte: A estimativa de custos dos estádios foi baseada em matéria do jornal *Folha de S. Paulo* (Mattos, 2009), publicada no dia seguinte ao anúncio das cidades-sedes (exceto para os casos de Belo Horizonte e Curitiba, cujos dados são do site *GloboEsporte.com* (Marques, 2013), pois a *Folha* indicava que tais estimativas eram “indefinidas”). As informações sobre o custo estimado em abril de 2013, bem como os valores financiados pelo BNDES, foram retiradas de relatório do Tribunal de Contas da União (Brasil, 2013, p. 12-43).

O aditamento do orçamento é previsto em lei, mas é frequentemente utilizado em obras públicas como estratégia para aumentar os custos em benefício dos empreiteiros. Que os estádios custariam mais do que o previsto em 2009 não causa estranheza, mas impressiona o fato de que vários projetos tenham excedido em mais de 100% o valor inicialmente previsto, como pode ser observado no Quadro 1. Algumas discrepâncias são justificadas devido a mudanças expressivas nos projetos, como no caso de Porto Alegre, cuja remodelação do Beira-Rio, inicialmente prevista para ser realizada com recursos exclusivos do Internacional, foi realizada em parceria com a construtora Andrade Gutierrez e as obras foram incrementadas por conta disso.<sup>39</sup> No caso de São Paulo projetava-se a reforma do Morumbi, mas acabou-se construindo um estádio inteiramente novo, o popular “Itaquerao”. O Maracanã e o Mané Garrincha, como já referidos, constituem dois casos paradigmáticos de descompasso entre o que havia sido prometido e o que foi realizado.<sup>40</sup>

Talvez o mais grave de todos os descontentamentos advenha do viés elitizante das arenas. O Quadro 2, a seguir, mostra a redução do tamanho e, portanto, do público que terá acesso às novas arenas. O “padrão FIFA” tem sido aplicado não apenas às arenas da copa, mas a todos os equipamentos. Há que se acrescentar que as partes suprimidas foram aquelas destinadas ao público de menos poder aquisitivo. As arquibancadas mais próximas do campo, conhecidas como gerais, onde se concentrava esse tipo de público, foram revalorizadas pelo novo formato arquitetônico, cuja inclinação mais acentuada e a proximidade do gramado tornaram-nas um dos espaços mais valorizados. As imagens de pessoas de camadas populares – com rádios no ouvido, sem camisa, bebendo no gargalo, entre outras – desapareceram das transmissões,

---

<sup>39</sup> Inicialmente o clube projetava realizar as reformas por conta própria, mas a FIFA exigiu que o mesmo apresentasse garantias de que dispunha de recursos para executá-las em tempo hábil. O ultimato da FIFA gerou uma acalorada discussão no conselho deliberativo do clube e, por votação, foi decidida a realização de uma parceria com uma empresa privada – no caso a Andrade Gutierrez – que se responsabilizou pela execução do novo projeto – mais amplo do que o original – com recursos próprios e a prerrogativa de explorar comercialmente as novas áreas construídas – camarotes e estacionamentos, sobretudo. A obra foi paralisada durante quase um ano, ao longo de 2011 e 2012, e antes do recomeço houve um impasse que inviabilizou a candidatura da cidade para a Copa das Confederações e quase comprometeu o projeto como um todo.

<sup>40</sup> Quando da última revisão deste artigo, no início de junho de 2013, o Tribunal de Contas do Distrito Federal acabava de lançar relatório apontado que os custos do Estádio Nacional Mané Garrincha, incluindo-se as obras do entorno, poderia chegar a 1,78 bilhões de reais, mais de três vezes o valor inicialmente orçado (Tribunal de Contas do Distrito Federal, 2013).

pois agora as mesmas câmeras captam homens e mulheres bem trajados, de sorriso perfeito, pele e cabelos tratados. A reconfiguração do público nos estádios privilegia estratos mais abastados, de classe média-alta e da elite, em detrimento das classes populares. Com a majoração no valor dos ingressos é possível compensar a redução na quantidade de público sem comprometer a receita. Pelo contrário, as projeções – ainda que bastante imprecisas – indicam que o faturamento deverá aumentar, pois um público com maior poder aquisitivo deverá consumir outros produtos nas arenas para além do espetáculo propriamente dito – estacionamento, produtos esportivos, comida, bebida, etc.

Estádio	Recorde de público	Capacidade atual	Execução	Gestão
Mineirão	132.834	64.000	Construcap, Egesa e HAP	PPP (27 anos)
Mané Garrincha	51.200	71.000	Via Engenharia e Andrade Gutierrez	Lei 8.666/93 (obra pública)
Arena Pantanal		43.600	Santa Bárbara e Mendes Júnior	Andrade Gutierrez e Odebrecht
Arena da Baixada	31.000	41.000	Engevix	privada
Castelão	118.496	67.000	Galvão Eng., Serveng e BWA	PPP (8 anos)
Vivaldão	56.950	44.000	Andrade Gutierrez	Andrade Gutierrez e Odebrecht
Arena das Dunas		42.000	OAS	PPP
Beira-Rio	106.554	52.000	Andrade Gutierrez	privada
Arena Pernambuco		46.000	Odebrecht ISG e AEG Facilities	PPP
Maracanã	199.854	79.000	Andrade Gutierrez e Odebrecht	Lei 8.666/93 (obra pública)
Fonte Nova	110.438	55.000	OAS e Odebrecht	PPP (35 anos)
Itaquarão		65.000		privada
<b>Outras Arenas beneficiadas com crédito subsidiado e isenção de impostos</b>				
Arena do Grêmio	98.471	60.540	OAS	privada
Palestra Itália	40.283	55.000 (com remoção de assentos)	Construcap, Egesa e HAP	privada

### Quadro 2. A nova gestão dos estádios.

Fonte: Os dados referentes à capacidade de público das novas arenas, assim como as empresas responsáveis pela execução e gestão foram extraídos do Relatório do TCU (Brasil, 2013). Os recordes de público nos estádios foram retirados de fontes diversas, na maioria das vezes dos *sites* dos clubes proprietários ou órgãos gestores.

Embora não seja dito às claras, os novos gestores das arenas estão promovendo uma higienização do público, afastando aqueles tidos como inconvenientes, seja porque consomem pouco ou causam muitos transtornos – caso das torcidas organizadas. Todavia, entre o que foi idealizado pela ideologia que prevê a conversão dos torcedores em consumidores e aquilo que deverá ocorrer nos próximos anos, pode haver um hiato considerável. De qualquer sorte, a gestão das novas arenas, até então realizada pelos próprios clubes ou por agências públicas (como no caso do Maracanã), será agora “modernizada”, sendo exercida por empresas especializadas, um novo nicho para gestores no mercado brasileiro.

## Conclusão

Seria desnecessário lembrar da diferença entre sediar e participar da copa se isso implicasse questões atinentes exclusivamente ao universo do futebol. A participação do Brasil nas copas suscita uma modalidade de eventos, rituais, festas, discursos, representações, enfim, de fatos sociais, cuja interpretação, no espectro das ciências humanas, demanda o uso das ferramentas conceituais empregadas no estudo na nação – qual o tipo de identificação que ela suscita, quem são os intelectuais orgânicos, como a memória é selecionada e assim por diante. Não deveria causar estranheza o fato de que na divisão social do trabalho intelectual no âmbito das ciências humanas coubesse à antropologia tratar desse tema, afinal ela é tida como a disciplina especializada em questões envolvendo identidade e representações sociais, além de festas e rituais coletivos.

O Brasil vai disputar a Copa de 2014 e as expectativas em torno da *performance* da equipe da CBF serão maiores do que em outras ocasiões, afinal a disputa será em território nacional e isso tem uma conotação peculiar no imaginário fronteiriço que sobrepõe as disputas esportivas os conflitos bélicos: quem luta em território próprio tem vantagem e a obrigação de vencer. Para o caso da seleção brasileira, significa que qualquer outro resultado que não a conquista do hexacampeonato será visto como um fracasso. Todavia, entre 2007 e 2013, interstício entre o anúncio do Brasil como sede da Copa de 2014 e a realização da Copa da Confederações – uma espécie de minicopa que se presta como teste para o evento derradeiro –, a *performance* futebolística ficou relegada diante do noticiário sobre a reforma e construção dos estádios,



o andamento das obras de mobilidade e a preparação em geral. Embora seja através de uma parceria com a FIFA, entidade que detém os direitos comerciais sobre a copa, a responsabilidade de prover a infraestrutura para o megaevento cabe ao Estado brasileiro. Sobre essa modalidade específica de *performance*, há muitas dúvidas e controvérsias. Não se trata de uma desconfiança pontual, em relação aos partidos e às pessoas que estão à testa da gestão do Estado neste momento, mas do poder público como um todo, mal afamado quando se trata de gerir o patrimônio da nação, seja por incompetência ou desonestidade.

Se o time de futebol tende a dramatizar certos aspectos da identidade nacional, suscitando questões atinentes à constituição da nação, o time de governantes que comanda a organização da copa dramatiza um aspecto mais restrito, mas não menos importante, relacionado à dimensão moderna do Estado-nação. Sendo a gestão imparcial e eficaz dos bens públicos um dos eixos fundamentais da constituição do Estado moderno, e considerando-se que a organização da copa pressupõe o aporte de dinheiro público, fica evidente que a gestão desses recursos é objeto de interesse da nação. Não é que a copa seja o único empreendimento no qual a tensão entre os interesses públicos e privados estão imbricados, mas ela é, de antemão, um tipo *sui generis*, pela extensão, visibilidade e, sobretudo, pelo fato de que até o mais humilde cidadão sente-se encorajado a opinar, afinal a copa é parte do universo do futebol.

Quando do anúncio do Brasil como sede da copa os dirigentes esportivos apressaram-se em propalar a ideia de que seria um evento bancado com recursos privados. Para acreditar nisso teria sido imprescindível desconsiderar o histórico da gestão do futebol de elite brasileiro e a má reputação de seus dirigentes – a prova é que o presidente da CBF teve de renunciar ao mandato em 2012 sob a acusação de ter recebido suborno da FIFA. Só não se esperava que o Estado tivesse que bancar tantos estádios e que tantos projetos de viabilidade duvidosa fossem executados. Ainda que a organização da copa tivesse o respaldo popular quando do anúncio oficial, não faltaram vozes para questionar a iniciativa. Com o passar do tempo formaram-se grupos de interesses diversos com posições antagônicas a esse respeito.

Em certo sentido, ambas as frentes discursivas possuem lacunas importantes. No caso do dos promotores da copa, a dificuldade principal está na justificativa para o uso de recursos públicos para a realização de um evento de uma entidade privada. Não é gratuito, portanto, que o ônus da justificativa sobre o uso dos recursos públicos recaia sobre os diferentes agentes do Estado, desde o

governo federal aos municípios. E são esses agentes que recorrem com frequência ao termo “legado”, tendo, inclusive acrescentando o adjetivo “intangível” para referir uma dimensão do legado que seria impossível de ser calculada.

Pelo protocolo que segue a FIFA para a escolha dos países-sedes, teria sido quase impossível o presidente brasileiro negar-se a sediar o evento de 2014. Era a vez da América do Sul e seria motivo de piada nacional se outro país que não o Brasil a realizasse, pois vivia-se um período de crescimento econômico acentuado, distribuição de renda, inclusão social e credibilidade internacional, tanto por parte de agências privadas quanto estatais. Por acaso era Lula quem estava na presidência quando os contratos com a FIFA foram apalavrados e depois assinados. Qualquer outro presidente entre aqueles que, nos últimos anos, têm se apresentado com chances de vencer as eleições, provavelmente teria feito o mesmo, talvez com menos entusiasmo, pois Lula gosta muito de futebol. O governo federal foi bastante criterioso na hora de liberar recursos via BNDES e Caixa Econômica Federal, mas não impediu a consecução de certos projetos faraônicos, como o Estádio Nacional Mané Garrincha, além de ter fomentado, por razões eleitorais, a ampliação das cidades-sedes – a FIFA considerava ideal um número entre 8 e 10, mas acabaram sendo 12. As críticas aos gastos públicos vieram um pouco tarde para impedir os projetos inconsequentes, mas o fato de o futebol ser um tema popular e os gastos abusivos serem flagrantes universalizou o debate sobre a marcação das fronteiras entre o público e o privado, tão cara à constituição do Estado brasileiro. Em que pese o alto custo econômico, a popularização desse debate talvez seja o maior legado dos megaeventos para o Brasil.

## Referências

ABÉLÈS, M. *Nouveaux riches: un ethnologue dans la Silicon Valley*. Paris: Odile Jacob, 2002.

ANDREFF, W. *Économie internationale du sport*. Grenoble: PUG, 2010.

ARAÚJO, G. *Dinâmicas da ação coletiva: uma etnografia sobre o processo de mobilização contestatório em torno da Copa do Mundo FIFA 2014 em Porto Alegre*. Monografia (Graduação em Sociologia)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ARRECADANÇA federal de tributos cresce 0,70% em 2012. *Valor Econômico*, 24 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/2982050/arrecadacao-federal-de-tributos-cresce-070-em-2012>>. Acesso em: 30 maio 2013.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. *O TCU e a Copa do Mundo de 2014*: relatório de situação: abril de 2013. Brasília, 2013.

COMITÊ POPULAR RIO DA COPA E DAS OLIMPIADAS. *Megaeventos e violações de direitos humanos no Rio de Janeiro*: dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <<http://comitepopulario.files.wordpress.com/2012/04/dossic3aa-megaeventos-e-violac3a7c3b5es-dos-direitos-humanos-no-rio-de-janeiro.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

COSTA, F. PASSARINHO, N. Dilma sanciona sem vetos o Orçamento da União para 2013. *GI*, 4 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/04/dilma-sanciona-sem-vetos-o-orcamento-da-uniao-para-2013.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

CURI, M. *Espaços da emoção*: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. Tese (Doutorado em Antropologia)–Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DAMO, A. O desejo, o direito e o dever – A trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento*, v. 18, n. 2, p. 41-81, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29910/19077>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

DAMO, A.; OLIVEN, R. La “gran ocasión”. Brasil como sede de la Copa del Mondo de la FIFA de 2014 y de los Juegos Olímpicos de 2016. In: LLOPIS-GOIG, R. (Ed.). *Megaeventos deportivos: perspectivas científicas y estudios de caso*. Barcelona: Editora UOC, 2012. p. 227-245.

DATAFOLHA. *Para 70%, a Copa do Mundo de 2014 será muito importante para o País*. 19 abr. 2013. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/esportes/1265920-para-70-a-copa-do-mundo-de-2014>>. Acesso em: 10 maio 2013.

FRAGA, G. *A “derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na copa do mundo de 1950*. Tese (Doutorado em História)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FREITAS JR., M. A. de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese (Doutorado em História)–Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GAFFNEY, C. Mega-events and socio-spatial dynamics in Rio de Janeiro, 1919-2016. *Journal of Latin American Geography*, v. 9, n. 1, p. 7-29, 2010.

GAMA, P. Maiores doadoras somam gasto de R\$ 1 bi desde 2002. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan. 2013. Poder, p. A6.

JENNINGS, A. *Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA*. São Paulo: Panda Books, 2011.

LAJOLO, M. Rio-216 quer a diplomacia a serviço da candidatura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 mar. 2009. Esporte, p. D5.

LLOPIS-GOIG, R. Una introducción el estudio de los megaeventos deportivos desde las ciencias sociales. In: LLOPIS-GOIG, R. (Ed.). *Megaeventos deportivos: perspectivas científicas y estudios de caso*. Barcelona: Editora UOC, 2012. p. 11-22.

MARQUES, F. Custo geral dos estádios está 30% mais alto que previsão de 2010. *GloboEsporte.com*, 12 abr. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/04/copa-custo-geral-dos-estadios-esta-30-mais-alto-que-previsao-de-2010.html>>. Acesso em: 1 jun. 2013.

MASCARENHAS, G.; BIENESTEIN, G.; SÁNCHEZ, F. (Org.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

MATHESON, V. A. “Efectos de los principales megaeventos deportivos em lãs economias locais, regionales y nacionales. In: LLOPIS-GOIG, R. (Ed.). *Megaeventos deportivos: perspectivas científicas y estudios de caso*. Barcelona: Editora UOC, 2012. p. 53-74.

MATTOS, R. ‘Escolha técnica’ não valeu para 3 sedes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 jun. 2009. Esporte, p. D1-D3.

MATTOS, R. Cidades têm planos sem orçamento para a Copa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 out. 2007. Esporte, p. D6.

MESOMO, J. *Políticas para a moradia: tecnologias de governo para o deslocamento de populações em função das obras para a Copa do Mundo 2014*. Monografia para disciplina de Práticas de Governo, Cultura e Subjetividade. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Mimeografado.

MOURA, G. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NAVARRO, S.; COSTA, B. Construtoras ajudam a eleger 54% dos novos congressistas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 nov. 2010. Poder, p. A4.

OLIVEN, R. G. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. *Estudos Históricos*, n. 27, p. 206-235, 2001.

PROJETO inclui estádios ociosos após o mundial. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 out. 2007. Esporte, p. D7.

RANGEL, S. Comitê carioca confirma estouro de 36% nas contas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov. 2009. Esporte, p. D2.

REBELO, A.; TORRES, S. *CBF-NIKE*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ROUX, S. *No money, no honey: économies intimes du tourisme sexuel en Thaïlande*. Paris: La Découverte, 2011.

SIQUEIRA, I. Arrecadação dos clubes com a TV em 2012 supera a barreira do bilhão. *Lance!net*, 5 maio 2013. Disponível em: <[http://www.lancenet.com.br/minuto/Arrecadacao-TV-superou-barreira-bilhao\\_0\\_915508626.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Arrecadacao-TV-superou-barreira-bilhao_0_915508626.html)>. Acesso em: 1 jun. 2013.

SOMOGGI, A. *Evolução das finanças dos clubes brasileiros – 2002-2013*. jan. 2013. Disponível em: <<http://www.ibdd.com.br/arquivos/Amir%20Somoggi.%20Janeiro%20-%202013.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2013.

TAUSSIG, Michael. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América Latina*. São Paulo: Unesp, 2010.

TRIBUNAL DE CONTAS DO DISTRITO FEDERAL. *Confira o levantamento atualizado da Auditoria Permanente do Estádio Mané Garrincha*. 10 jun. 2013. Disponível em: <[http://www.tc.df.gov.br/web/tcdf1/obras-da-copa/-/asset\\_publisher/3R2n/content/confira-o-levantamento-atualizado-da-auditoria-permanente-do-estadio-mane-garrincha?redirect=%2Fweb%2Ftcdf1%2Fobras-da-copa](http://www.tc.df.gov.br/web/tcdf1/obras-da-copa/-/asset_publisher/3R2n/content/confira-o-levantamento-atualizado-da-auditoria-permanente-do-estadio-mane-garrincha?redirect=%2Fweb%2Ftcdf1%2Fobras-da-copa)>. Acesso em: 10 jun. 2013.

VELHO BARRETO, T.; NASCIMENTO, C. Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol: o que pode mudar com a adoção do “padrão Fifa” para a Copa de 2014?. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Anpocs, 2011.

ZELIZER, V. A. *The social meaning of money*. New York: Basic Books, 1994.

ZELIZER, V. A. Circuits within capitalism. In: NEE, V.; SWEDBERG, R. (Ed.). *The economic sociology of capitalism*. Princeton, Princeton University Press, 2005. p. 289-321.

ZELIZER, V. A. *A negociação da intimidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Recebido em: 22/12/2012  
Aprovado em: 04/06/2013